

ORGANIZAÇÃO: LUCAS CASSULE E JONAS NETO

PONTE

ANTOLOGIA
POÉTICA
INTERNACIONAL

ANGOLA
BRASIL
PORTUGAL
SÃO-TOMÉ E PRÍNCIPE
MOÇAMBIQUE
CABO-VERDE
TIMORLESTE
MACAU

©ésobrenós, 2023

Ponte - Antologia poética internacional

Organização: Lucas Cassule e Jonas Neto

Contactos para palestra, seminário e workshop

E-mail: geral@esobreler.ao

Instagram: @esobrenoseditora_oficial

Edição e paginação

Lucas Cassule

Design de capa e ilustração

Altino Chindele

Execução Gráfica

É Sobre Nós Editora

Revisão

Sukiankasa Nsambu

Marketing e publicidade

Alusapo

Conselho Editorial

Dito Benedito | Alzira Simões | Sukiankasa Nsambu

ISBN: 978-989-9133-22-8

1.ª edição digital: Dezembro de 2023

É SOBRE NÓS EDITORA

Luanda – Angola

É expressamente proibida a reprodução deste opúsculo, no todo ou em parte, seja por quaisquer meios sem autorização por escrito da Editora.



Já tocámos o chão juntos, amor!
Quando chegar a hora de alcançar as estrelas,
fá-lo-emos juntos também.
Se tu fores primeiro,
leva-me contigo.
E se eu for primeiro,
levo-te em mim.

Stella Constantina
in: Fragmentos da Alma

Acordo ortográfico utilizado: antigo acordo (1990, vigente em Angola) para as biografias e notas. Mantivemos a originalidade dos textos nos poemas.

UM SONHO QUE SE TRANSFORMOU EM REALIDADE PARA MUITOS

O ano de 2023 foi marcante na minha vida, inaugurou uma fase de muitas possibilidades e realizações no campo literário. Lancei meu quinto livro físico, “Grilhões, poemas de protesto”, e mudei minha forma de ver minha parte literária, me levando a divulgar de forma ampla o lançamento deste novo trabalho.

Um dos muitos e-mails e mensagens que enviei de divulgação chegou ao radialista angolano Lucas Cassule, que me convidou a uma entrevista em seu Instagram, convite aceito e um ótimo bate-papo que me levou a refletir porque não tínhamos um evento online que criasse um intercâmbio entre poetas dos dois países.

Conversando com Lucas Cassule, resolvemos criar o evento online e no espaço de um mês organizámos e realizámos a Bienal, trazendo não somente Saraus, poetas, mas também conhecimentos sobre Música, Ciência Política, dentre outros.

O evento passou, mas os frutos desta semente germinaram e o primeiro deles é esta Antologia.

Um sonho pode mudar a realidade de muitos e pode levar outros tantos a sonharem.

Jonas Batista Neto

Poeta e Organizador da Bienal Virtual Brasil Angola de Poesia

NOTA DO EDITOR

A ponte é o caminho, a veia por onde circula o sangue das nações que carregam o pesado legado da cultura, da arte, das crenças, da educação e de toda a atmosfera que configura a existência humana. É durante toda esta travessia que vem acontecendo ao longo dos séculos, sempre arrevesando os momentos, ora num sentido, ora noutro, que toda a magia da vida acontece.

A poesia sempre esteve presente, ontem, hoje e aqui estará nos tempos futuros, dançando na língua dos povos, num vertiginoso ritmar de uma tradicional canção, no batuque contagiante dos hereros, no sambar de uma carioca durante o carnaval, no fado de uma velha composição, na marrabenta, no funaná e na kizomba, na língua de Camões ou de outra qualquer, cujo sentimento se harmoniza com os desejos de todas as divindades e de todos os homens.

Assim, vemos esta antologia, este caminho longínquo serpenteando nos versos, por onde sempre nos vamos encontrar, para permutar a nossa maior riqueza: a nossa singularidade.

Este caminho sou eu, este caminho é cada um dos autores dos poemas aqui cravados. Este caminho é você, querido leitor, que viaja com este embrulho de tesouros nas costas. Este caminho é sobre nós!

Lucas Cassule

Escritor, editor e docente universitário

CONTEÚDO

ADRIANE ALVES FERREIRA BRAGA	8
ADRIANO LOPES DE SOUZA	12
ALDO MORAES	16
ÂNGELO RODRIGUES	22
AURORA LANGA	30
BEL NETO	37
BIANCA DIAS DE OLIVEIRA	41
BRUNNO VIANNA DE ANDRADE	45
BRUNO BLACK	49
CLEIDE SILVA	54
CLODOALDO CANDIDO DE LIMA	58
CRISTIELE LEMOS	63
CRISTINA RIBEIRO	66
DANIELLE DELANELI	70
EDILBERTO JOSÉ SOARES	74
EDMAR LEAL	78
EVELINE DE SOUZA	81
GABRIEL SILL	85
IARA FARIA	88
ISABETE FAGUNDES ALMEIDA	93
ISMAEL LOURENÇO COMBA ALICE BAZZA	97
JANICE MONTEIRO CUNHA	101
LAÍS ASZMANN	106
LEYLA LOBO	110
LUCAS ANDRADE	114
LUCAS LOPES VALADARES	118
MAGDA GODINHO DE ABREU	122
MARCELO DA SILVA FERREIRA	128
MARINA STOLFI	132
MILÚ VARELA MOREIRA	136
NELSON JESUS DO NASCIMENTO	142
RICARDO GOMES SILVA	146
ROSANGELA CUNHA	152
SANDRO SEBASTIÃO	157
SOLANGE DA SILVA FIGUEIREDO	161
VICTOR FRANCISCO RICARDO	169
BERNABÉ (ABÉ) BARRETO SOARES	173
JONAS BATISTA NETO	177

ADRIANE ALVES FERREIRA BRAGA

Educadora - Professora de Língua Portuguesa e Inglesa, Orientadora Educacional da SEEDF. Psicanalista, Palestrante, Escritora - poeta, musicista-especialista no instrumento violoncelo.



AMOR

O amor tudo suporta?
À pergunta é retórica
E a resposta denota
A maturidade, sabe, se acomoda.

Serenamente o amor adota
E a dor prazerosa no afeto, no agir
Nos roupantes da vida,
Demonstra-se amorosa.

O afeto vestido de amor
Na suficiência se elabora
O processo, aí que dor!
Na cidade tida infinita
O sentimento amor.

Ao lado do ser amado
O amor é amar e ser amado
É celebrar a paz,
Fazer as pazes como passado .

SUBLIMAÇÃO

Como o sol que brilha
Nasce uma nova filha
E a música tranquiliza
Ela traz paz, prazer, harmonia
Viajo com ela
E nela posso ser

A beleza é o mistério
O violoncelo, a música
A dor, a beleza esquecida
Como uma primavera sem flor

Abro mão de tudo
E a força que surge
O choro que estava preso
E tudo isso causa medo.

OLHAR

Transcende-se-á o consciente
O desabrochar da flor
O Divino, as maravilhas
Deus! Nele se exala amor.

A solidão do vazio
Torna-se-á cheia de amor
Elucidador do propósito
Na linha da vida, da libitina

A instrumentalização de lembrar
A maldade do homem
Perder-se-á todo ardor.

Convida-me a olhar
Ó descuramento que ressignificou
Levou consigo o peso
Descortinou as expectativas
E descobriu-se o amor.

ADRIANO LOPES DE SOUZA

Nasceu em 1979 em Brasília, desde criança se interessou por literatura tendo como formação superior o curso de Letras Português/Inglês. Professor da rede pública do Distrito Federal, já leccionou em várias escolas do DF. Poeta e escritor, participou da 3.^a colectânea de contos e crônicas GAEB e da colectânea de poesias “Territórios Poéticos” da editora AMPC.

O TEU CORPO

O teu corpo era quente
Era a dor que sentia
Era fagulha de gente
Era fogo que ardia

O meu lábio dormente
Do jeito que eu queria
Era mar afluyente
Em uma tarde vazia

Era torto era em frente
Era o amor em agonia
Era broto e semente
Era a flor que luzia

ÁGUA

Água que mina da fonte
Transporta em seu leito a vida
Transborda segredo atrevida
Que mata a sede da bica

Pequena é gota de orvalho
Do alto é chuva é chocalho
Que escorre na folha da mata
Em meu rosto é sal é cascata

Que corre pro centro do mundo
Que brota em meus olhos profundos
Da boca da pedra ribeira
Me banha fria cachoeira


A VIDA

A vida é uma viagem
E nós estamos de passagem
É um trem uma estalagem
Muito além talvez miragem
É um romper de um ser selvagem
É o se perder mesmo na margem
É o mergulhar sem ter coragem
Voar pousar na paisagem

ALDO MORAES

Nasceu em 1970, em Londrina, estado do Paraná, Brasil. Estudou música e conquistou prêmios como compositor no Brasil, Suíça e Áustria. Participou de diversas antologias literárias e ganhou prêmios em concursos nacionais. Foi secretário da Cultura de Londrina e fundou o Instituto Cultural Arte Brasil. Tem 7 livros publicados e é membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira, com sede em Nova Iorque.





Olhei-me em meus olhos
Parecia não haver ninguém ali
Que sou?
Consciência, mente, eu
Tudo isto são só palavras
E esse “ver-se de fora”
Nada mais é que não se identificar
Não se confundir
Que sou?
Que tolice seria
dar resposta a esta pergunta
E esta pobre filosofia moderna
Que diz “seja autêntico, seja você mesmo”
Alimentando pequenos egos

Quem é você?
Esse corpo, que já está morto?
Esse movimento cultural
Essa nacionalidade
Em nações que já se extinguiram?
Não adianta, meu irmão
meu outro aspecto de mim mesmo
Ou somos todos Um
E a humanidade é uma só
E o planeta é um também
Ou continuaremos lutando
Continuaremos em guerra

Então como resolver esta contradição?
Talvez nesse “buscar dentro de si”
Mas há sempre algo mais
Sempre alguém querendo dar a última resposta
Me recolho em meu silêncio
Sei que nem toda palavra é vã
E que nem tudo são flores
Mas neste jardim universal

Quero poder deixar no ar
Uma fragrância de amor e liberdade
Uma fragrância que não deixe dúvidas
De quem sou

Espiritualidade não é caretece
Tampouco indisciplina
Um meio termo entre eles
Um viver para a morte
E ver que a morte não existe
Que todo aquele que é santo
Já foi tomado por louco
E aquele que é louco
Pois perdeu sua alma

Sinceramente
Não me venha com essa conversa
De matéria e espírito
Para mim, tudo é Um
A Unidade da Vida
Quero mesmo é sair de casa
Amar toda essa gente
Amigo, inimigo
Herói ou bandido
Quero mesmo é meu quarto
Para encontrar a solidão que eu amo

Espiritualidade é estar calmo em meio a guerra
Quantas vezes já não me perdi
Para depois me encontrar?
Quantas vezes não acreditei ter encontrado
Quando na verdade eu estava perdido?

O trabalho é com o corpo
É com a mente
Com o coração
E com o cantar
O Deus que acredito
Que louvo e quero amar
O Deus ao qual me entrego

Está AQUI
Está em todo lugar

Me diga você
O que é a tela
O que sua consciência está vendo
Através de teus olhos
Através dos olhos de teu espírito

Me diga você
Quem te iludiu
E te fez deixar de enxergar a verdade
Se agora mesmo ela está acontecendo

Você insiste em fazer perguntas
Podendo estar buscando o silêncio e o recolhimento

A solidão é o melhor lugar
aonde podemos estar
Esvaziar-se de si
É navegar pelas próprias memórias
Até que se chegue à terra firme
Do aqui e do agora

Estar pleno do vazio
É poder estar aqui e agora
Sem de mais nada necessitar

ÂNGELO RODRIGUES

Nasceu em Torres Novas em 1964. É licenciado e profissionalizado (pós-graduado) em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa e professor de Filosofia e de Psicologia do Ensino Secundário Regular e Profissional. É, contudo, um ser antiacadémico. Passou também pelo Conservatório de Música e pelo ensino de Educação Musical.

Ainda possui o Cartão de Ex. Equiparado a Jornalista n.º 284 (emitido em 1992 pelo Sindicato dos Jornalistas – Imprensa, Rádio, Televisão e Cinema) e exerceu irregularmente a atividade na Imprensa Regional e na Rádio.

Livros publicados: «Eu, o Ser e a Dúvida», poesia, Edições Orpheu, 1989; «Compra-me Um Deus», poesia, Edições Orpheu, 1992; «Da Ressurreição do Espanto», aforismo & poesia, Ed. Minerva, 1998; «Um bailado no Centro da Alma», vários géneros literários, Ed. Minerva, 2002; «O Passeio de Deus», poesia & aforismo, Ed. Minerva, 2007; «ALQUIMIAS – antologia pessoal 1989-2010», todos os géneros literários e mais um, Ed. Minerva, 2010; «Palmadas & Rebuçados», pequenos contos quase-surrealistas e outros géneros literários, Ed. Minerva, 2013; «Eternidade & Absurdo», poesia e não só, Sinapis Editores, maio de 2015; «Musa Lixada e Preguiçosa», poesia e aforismos, Edições Colibri, 2019.

É coordenador literário das Edições Colibri, e, entre outros projetos, coordena a Coletânea de Poesia Lusófona MUNDO(S). Saiba mais no seu blogue.



DA LUZ E DO PRINCÍPIO

A Luz,
símbolo do Conhecer,
encandeia-nos e, ao mesmo tempo,
liberta-nos como que num processo enigmático
à maneira das Mónadas de Leibniz.
Cada uma delas transporta uma “Realidade”
alternativa sendo que esta passa a ser
outra coisa que não alternativa.
Talvez na Luz – digo eu –
porque nada sei (tal como o Grego)
se encontre a Fonte de tudo
e também do Amor.
Os poetas, filósofos e estetas,
e até os deuses por nascer,
consideram a Luz
o Princípio e o Todo.
Teremos - provavelmente -
que rever o que andamos a fazer e,
sobretudo, entrar na Luz e Conhecer.

Poema incluído no livro «MUSA LIXADA e PREGUIÇOSA,
Edições Colibri, 2019
Página do autor: www.angelo-rodriques.webnode.pt
Facebook do autor: www.facebook.com/angelomrodriques

NÃO CONSIGO PORQUE SIM

A POESIA é um género literário.

A POESIA é bem mais do que um género literário.

A POESIA – dizem alguns – é uma ponte,
um rio, um mar, o habitat do Amor e do seu contrário.
Será o portal da Eternidade.

Temos a certeza que é a rainha de todos os mistérios.
Talvez seja apenas e só o caminho mais simples
para tudo e para o Todo.

Alguém disse (e ganhou um Nobel)
que era um corrimão a que se agarrava com frequência
e que jamais conseguia largar.

A primeira palavra deste poema tinha como intenção
ser um conto, uma Ata de empresa, de instituição,
ou até um romance (talvez frustrado);
e acabou por ser isto que é.

Não é e também é preguiça...

Não é e também é desleixo...

Não é o que podia ser - partimos do princípio -
por falta de vontade ou de talento.

A POESIA obriga-se sem obrigar
e é impossível viver sem ela.

Outros dirão que não.

Uns quantos não vão entender nada
porque sempre acharam que é uma “coisa”
que se escreve nos cadernos e se publica
em cerimónias mais ou menos “chatas”
para meia dúzia de “espiritualistas” e afins
que gostam pouco de Futebol e de Televisão.

A Escola pouco mais ensina do que os clássicos
e deixa nas jovens mentes, pouco mais do que já foi
dito.

Há poucos que entendem que a POESIA não é para
abordar a Vida e as “realidades” deste mundo e dos ou-

tros.

Saibam que ela, a POESIA, é a própria Vida!
Saibam que ela, a POESIA, é este mundo e os outros.
Poucos irão perceber isto, mas não importa.
Viver é um hábito.
A POESIA é um alimento.
Não conseguimos passar sem ela para não cair
no terrível hábito de apenas viver.
Ela é um alimento com todas as especiarias
que a Alma deseja e aprecia.

Poema incluído no livro «MUSA LIXADA e PREGUIÇO-
SA,
Edições Colibri, 2019

UMA AVENTURA NO “MUNDO DOS HAIKUS”

Estamos sem estar, numa biblioteca de escola, num dia de chuva intensa, numa hora estranha desta vida.

1.

Esta vida – bem o sabemos – não nos chega;
fica sempre aquém, e, também por isso, a Arte e a Poesia.

Vamos descobrir outros Mundo(s).

2.

É tão óbvia a Imortalidade (?).
Sigamos o “caminho da Luz”.
Vamos descobrir outros Mundo(s).

3.

A Poesia é um corrimão que conforta e salva;
que dá Sentido(S) e orienta; a deusa-mãe.

Vamos descobrir outros Mundo(s).

4.

O paraíso pode ser uma biblioteca com um bosque em volta.

É aí o lugar da eternidade prometida. Aguardemos com paciência.

Vamos descobrir outros Mundo(s).

5.

Já tudo se disse, e, da Morte, tudo está ainda por dizer.
Ela não é o Fim, mas o novo recomeço.

Vamos descobrir outros Mundo(s).

6.

Os Mistérios fascinam e oferecem Esperança.
Sem eles, a transmigração das almas seria incompreen-
sível.

Vamos descobrir outros Mundo(s).

7.

Espanto, inquietação, insatisfação, “desassossego pes-
soano”.

Sacia a tua fome: Poesia, Música, Amor. Serve-te!
Vamos descobrir outros Mundo(s).

8.

Poemas-de-Luz e Borboletas do Infinito fazem-nos falta.
Viver é sentir, reparar na Beleza, Amar.

Vamos descobrir outros Mundo(s).

9.

Salta para os ombros das Palavras e que elas te levem.
Viaja com (e nas) Palavras para dentro e para fora de ti.
Vamos descobrir outros Mundo(s).

10.

O que é isso da Energia e da Luz?
O que teremos de fazer - ainda - para que possa valer a
pena?

Vamos descobrir outros Mundo(s).

11.

Sabemos do misticismo e do potencial da Rosa.
Sabemos dos encantos e do incomensurável poder do
Amor.

Vamos descobrir outros Mundo(s).

12.

Até agora, o caminho foi difícil e demasiado rápido.

De agora em diante, que seja fácil, mágico e eterno.
Vamos descobrir outros Mundo(s).

13.

Há dentro de Nós, uma vontade divina.
Há dentro de Nós, todas as vidas sonhadas.
Vamos descobrir outros Mundo(s).

14.

Em demanda de Sentido(S), pois somos Alma e Amor.
Considera-te convidado para a "Orgia do Ouro e do
Azul".
Vamos descobrir outros Mundo(s).

15.

As Musas viajam, mas vão voltar a qualquer momento.
Quando voltarem, é certa a partilha do uni-Verso.
Vamos descobrir outros Mundo(s).

16.

A Verdade é qualquer coisa de sempre provisório.
A Verdade será sempre - e apenas - um meio e nunca
um fim.
Vamos descobrir outros Mundo(s).

17.

Seguindo o Intemporal até à Transcendência.
E que os ventos luso-místicos nos acompanhem.
Vamos descobrir outros Mundo(s).

18.

Que a nossa semântica possa ser sempre inquieta e re-
belde.
Que o significado da vida seja do Alfa ao Ómega.
Vamos descobrir outros Mundo(s).

19.

É importante fazer perguntas.
É importante que as respostas sejam sempre provisórias.
Vamos descobrir outros Mundo(s).

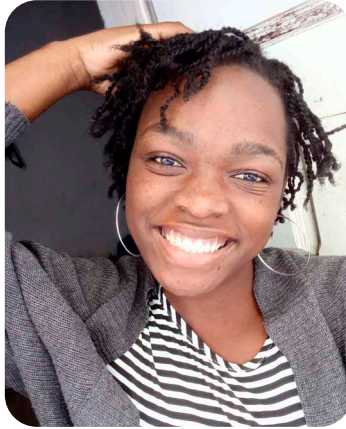
20.

Para viajar no Infinito, onde estamos, não é preciso levar nada.
Contudo, tens que esgotar nesta vida, o Amor, a Poesia e a Música.
Vamos descobrir outros Mundo(s).

Incluído no livro «DO PRINCÍPIO E DO FIM»,
Edições Colibri, 2022

AURORA LANGA

Escritora iniciante, moçambicana. Escreve desde os seus 13 anos, tem dois livros escritos e ainda não publicados. Aborda muito sobre temas como violência, álcool e drogas..



ÁFRICA ÁFRICA

Sou Africano
 Perdi-me por caminhos escabrosos
 A minha mentalidade não é mais Africana
 Mergulhei profundamente no oceano do colono
 Sou Africano sem Africanidade

Eis que o colono invadiu o meu ser
 Manipulou o meu exterior e o interior
 Fazendo-me crer que sou um ser sem valor

Vivo-me auto colonizando, perdi a identidade
 O crespo do meu cabelo vive em oculto
 A minha cor de pele tornou-se opróbrío para mim
 Vivo em oculto
 Mente colonizada, identidade vendida

Vivo fugindo o meu *continente*
 Agora sou de todo *continente*
 Meu cabelo é Europeu e minha pele Asiática
 No oculto a minha alma chora e clama pela identidade.

Estou presa dentro de mim
 Preciso da chave para abrir o portal da *minha Africanidade*
 Resgatar meus valores e princípios
 Me orgulhar da bandeira
 Com alegria o meu crespo exibir
 E sem limites a minha pele expor
 Com zelo abraçar a *Minha Africanidade*

Ah colono, deixa-me exaltar a minha Africanidade
 Deixa me cooperar com a minha natureza
 Deixa me ser o que nasci pra ser

Me despir de tudo o que é artificial
Deixa me ser quem sou segundo a natureza

Deixa-me ser eu
Deixa-me ser Africano
Deixa me ser o que nasci para ser

EU SÓ QUERO SER AMADO

Oi, ei, olá,
Tenho nome, apelido e sonhos, sabes?
Não me rotules como a criança deficiente, cega, desca-
pacitada.
Tenho uma identidade que transcende minha aparên-
cia física.

Disseram-te que não tenho sentimentos?
Por que abusas e martelas meus sentimentos,
Como se eu não tivesse voz para ser ouvido,
Como se eu não pudesse ver o que é desolador aos
meus olhos?
Será que não sabes que a visão reside no coração?
O essencial é invisível aos olhos.

Tenho sonhos
Talvez meu maior sonho seja simples para ti,
Ser como os outros,
Contemplar o nascer e o pôr do sol,
Observar as estrelas,
Caminhar na areia da praia,
Sentar-me numa carteira e estudar

Fui deixado para trás,
Ninguém a quem chamar de mãe e pai,
Ei, poderias me amar genuinamente, só por um dia?
Não sei o que significa ser amado.

Quem dera, em vez de enxergarem meu corpo debilita-
do e me verem como prisioneiro,
Vissem alguém sedento por amor.
Meu coração desvenda mistérios,

Só desejo ser amado,
Não quero ser objeto de uso e maus-tratos.

Serias capaz de me abraçar e me amar?
Porque ninguém me ama de verdade,
Sempre me presenteiam com vazios gestos,
Capturam fotos vazias para compartilhar nas redes so-
ciais.

A partir de agora,
Irei ultrapassar limites,
Vou voar alto para colorir o mundo com minha inocên-
cia,
Rugirei como um leão dócil,
Serei como uma flor desabrochando e pintando o mun-
do,
Uma criança, em fim diferente e livre.

INOCÊNCIA PERDIDA

Meu mundo era colorido
Como um arco íris tão querido
Agora é dolorido
Meu coração é desnutrido
Um mundo escuro
Agora a minha alma dança no escuro
A luz da minha inocência foi apagada

Era apenas uma menina e dormia
Mas teu despertar sombrio me feria
Despiu meu corpo e alma
Nunca mais voltei a ser a mesma
Roubou de mim a virgindade em uma idade inconcebível
Desnudou-me

Desumano
Com máscara de humano
Deixou a minha alma mortífera
Fui bulindo até o último combate
Gritei: socorro socorro
Mas o socorro não correu até os ouvidos da vizinhança
Tornei me solitária e abracei a depressão

Carrasco
Levou-me ao manancial de maldade
Impelindo me a viver sem liberdade
Abandonei o manancial da beldade
Hoje estou perdida na idade
Vivo presa ao ano que roubou-me de mim
Pertencço a um tempo perdido desde o dia que causou
tempestade em um quarto vazio

Tirando de mim a virgindade
Deveria eu achar segurança em ti
Mas com aliança não teve vergonha
Queria ser como a cegonha

Ao olhar para ti a minha alma chora
O meu coração sangra
O corpo estremece aflora
bruto
Alimentas-te de Seiva Bruta sem pudor
Impediste-me de tornar-me uma donzela com amor
Gostas de tudo verde
Temperas manga verde com sal?
Não me calarei diante disto
Contra a violência tolerância zero

BEL NETO

Bel Neto é de Luanda, capital de Angola. Licenciada em Língua Portuguesa e Comunicação pela Universidade Metodista de Angola.

Virginiana com ousadia na ponta dos dedos. Nos tempos livres gosta de inventar mundos e desarrumar palavras. É mãe do Nzola e do Kyame, poeta, Slammer, Slammaster e tem como inspiração a mulher (universo) e todas as relações sociais e espirituais.

Antologias nacionais: 2012 Sexo e Comida; 2014 Poemas de Berço Outros Versos; 2018 Borboletas; 2021 Queda de Silêncios; 2022 Luanda Entre Fotos e Textos.

Antologia Internacional: FEBACLA, 2023.

É mentora do Projecto Mona (contação de histórias, declamação, concurso, teatro, caligrafia, alfabetização para crianças e adultos), Menarca, Portal de existência e Gordíssima.

Representou Angola em concursos internacionais de Spoken Word. Autora dos livros: Outras Formas de Pôr na Grafia(erótico) e O Pequeno Mona e a Árvore dos Direitos (infantil).

“Minha poesia é para quem tem fome, e quem me lê, come!”



ERA PARA SER PONTO FINAL

no meu rosto
há um ódio manchado que não é meu
há um hematoma negritado nos olhos
uma dor acentuada na pobre rima
do amor

no meu corpo
há sinais de interrogação visíveis
pontos de exclamação palpáveis
reticências que me entopem de silêncios

o espelho olha-me com reflexo partido
era para ser ponto final, mas fui vírgula
– CALADA
– FRACA

No meu cérebro há uma porta aberta
Há uma denúncia obesa
Há uma vontade de fugir

No meu coração
Há um cego que me abraça
Há uma canção de ninar
Que me adormece as dores
E acaricia a inércia

Parada... no beijo... por cima... da cama
Depois... da porrada!

MELANCOLIA

Refugiei-me à tua porta
Como mendiga que da noite se amedronta
Vestida num breu de solidão e açoite
Desejando o céu de tua boca pronta

Eis-me melancolicamente triste
Repleta de não em esburacados pretéritos
Vim devolver-te a dor que me pariste
Mas antes beija-me a alma com méritos

E quem disse que minha dor não chora?
Chora o ontem, chora hoje, chora agora
Cada punhal espetado na aurora

Ao partires daquele jeito brusco
Nada é reluzente, tudo é noite em mim
Tome a dor e beija-me. Beija o nosso fim!

ESCURIDÃO

Já não eram para ser escuros
Os bairros de pretos. Nem os muros
De medo cobertos. Era luz o combinado
Luz nos centros, nos becos, em todo o lado

Já não era para ser escassez
A vida da gente. Era todo mês
Banquete. Era fartura o contrato
Fartura na mente e no prato

Esta escuridão não é da cor
É da nossa falta de amor
É da ganância

Escuridão da indiferença
Dos choros sem amparo
Da falta de esperança

BIANCA DIAS DE OLIVEIRA

Cientista social e pedagoga. Professora da rede pública de ensino do Distrito Federal, desde 2015.



SÁBIO ANDARILHO

E quem diria que um andarilho sujo
Tivesse tanto para dizer...
E no canto de um beco escuro,
Tivesse tanto para oferecer...
Um conselho vindo de um imundo,
Que vive das sobras desse mundo
E ainda ousa riso pra tecer.
Entre rugas de um rosto escuro,
Sofrimentos ao anoitecer...
É carente de quase tudo,
Trazendo lágrimas de um entardecer!

A ESPERA DA MUSA

Nesse canto de cá
Eu reservo esse verso.
Só por mim eu me calo
E só por ti eu me revelo.
Nesse canto de cá,
Hás de ser o mais bonito.
Superando todas as odes,
Todos os hinos,
Ou qualquer canto no verso.
Por mim eu me calo.
Mas por ti, eu me desnudo e me revelo.
E de admiradora serás a musa destes versos,
Que esperam superar a tua espera.

AUTÓPSIA

Em cada verso, um pedaço.
Em cada rima, um estilhaço
Causado por um tiro de ilusão.
Que vida curta... Num beco sem saída!
Parou de bater muito cedo,
Aquele cinzento coração.
Mas como todo coração cinzento
Sempre serviu como alento,
Como um muro de lamentação.

BRUNNO VIANNA DE ANDRADE

Nasceu e vive na capital do Rio de Janeiro. É historiador e escritor de versos, prosas e dramaturgias. Venceu o Concurso Literário Machado de Assis (2008) e o VIII Concurso Internacional La Vida es Poesía (2016).



ABRAÇO

A varanda em flores pede um poema
A saudade chega em forma de chuva pequena
E abraça a janela aberta.

AMÁLIA

Amália ama
A literatura que profana entre os dedos
Ama a ternura que se rasga em segredo
Lia, e por ser livro, amava sem medo
Lerá, ainda
Seu nome em nome de poema
E descobrirá, assim, brincando
Que a vida é um brinquedo.

LITERATURA

Línguas que calam
Incertezas
Textos que falam
Entre linhas
Rastros de vozes
Alimentam
Teu coração vazio
Uma estrela deságua no peito
Rumo ao rio
Aquece as ideias, esquece o tempo e mergulha no que
se é.

BRUNO BLACK

Poeta, escritor infantil, produtor cultural, agente literário, educador social, ativista sociocultural e apresentador dos Programas “Xexelento da Peri” e “Tô Com Bruno Black”. É considerado um dos artistas mais produtivos nos últimos 10 anos na cena carioca e no Brasil.

Morador da Comunidade do Fumacê em Realengo na Zona Oeste do RJ, vive de seus livros e de sua arte. Largou tudo na vida para viver da poesia e investiu tudo que tem em si. Faz turnês pelas cidades brasileiras desde 2015 (SP, MG, RJ, BA, PR, ES) e já lançou 15 obras literárias até ao momento nas principais bienais literárias do Brasil e em feiras internacionais (virtuais) e nacionais (presenciais).



MAIS UM MORTO

Mais um morto
Morto por policiais
Inicialmente se entende
Policia matou o bandido
De vez em quando nós confundimos
De vez em quando ou atualmente quase sempre
E vemos
Policiais vestidos de bandidos matando gente inocente
Mas o fato é que a policia resolveu tomar uma atitude
Também não foi a favor do povo
Ou
Foi a favor da própria instituição que falha há décadas
Sem se preocupar com a sua imagem
E hoje vê seus próprios herdeiros sendo fuzilados em
praça publica
Sem ter direito até de dizer adeus
O fato já está consumado
E que é notado
É que de alguma maneira a polícia tenta resgatar sua
honra
Não parece ser a favor do povo
Mas a favor dos seus elementos representados chacina-
dos
Não sei
Se aqui nessa comunidade
A entrada do caverão é sinônimo de uma real policia
tentando buscar sua credibilidade
Ou se é uma repressão pela morte exclusivamente de
seu coronel morto na av. brasil
O que sei
É que a guerra que estava instalada aqui
Já faz um ano...
Então faz um ano que os prédios são metralhados
E que ninguém se pontificou pra fechar os furos...
Um ano que o pó reina
E ninguém tentou reprimir...
Um ano que as facções se confrontam

E ninguém tentou evitar...
Um ano que pessoas inocentes também morrem
E ninguém parecia se importar...
Um ano que nós sonhamos com a paz
E um ano que vivemos numa guerra...
E acreditar nisso se torna difícil
Pois sempre foi assim
E ninguém nunca se interessou pra mudar
Ninguém de peso
De poder
Todo dia agora tem morrido um bandido
Assim como a quantidade de balas
Que entravam diariamente nos prédios
Moral da estória
Todo dia mais um morto
Vamos rezar pra que não seja
Mais um morto inocente.

07/04/06
12:53

AO FEMININO E AVANTE!

Tudo que eu quero é ser feliz

Andar pela rua livre
Sem sangue escorrendo pelo nariz por homens que se
acham gentis ao nos prender em suas possessividades!

Ei, me escuta!
Ei, me ame!
Ei, me deseje!

Mas me deixe livre pra viver, por que nem meus pais são
meus donos!

Fala pra mim de verdade:
Você me ama?
Você me quer?
Você quer me ver feliz?

Então segura minha mão e avance, avante e sejamos!

Ah, quando tiver dúvida sobre o que somos, me chama
pra dialogar!

Violência não tá com nada e quem ama não faz isso!

Avante o amor!

2023

EU NECESSITO DE TODA A VERDADE

Eu necessito de toda a verdade
Me diz
Abra a boca!
Por que tens medo?
Você quer me dizer logo?
Não espere o jantar
Pois não te servirei...
Não espere o almoço
Pois não farei...
Não espere o café da manhã
Pois quero sair da sua vida cedo e certo que jamais voltarei...
Fale!
Fale amor que sustentava a minha carne até ontem!
Fale!
Eu necessito saber de toda a verdade
Mesmo que eu já sinta que você é uma farsa em minha vida.

18/04/05
22:14

CLEIDE SILVA

Escritora, advogada e graduanda em Biotecnologia. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, capital. Em sua trajetória, tem livro um publicado, como coautora, "Se tens um dom, Seja" em parceria com Bruno Black e a editora Conejo e também é autora dos livros "Flores no Jardim" (poesia), "Nas Batidas do Coração" e "Arco-Íris", edição especial prevenção ao suicídio (romance).



A VERDADEIRA HISTÓRIA

A inocência gritava, de coração puro, de alma leve a liberdade que carregava em seu corpo. A natureza era a canção que alimentava a sua alma, que dava sentido a vida.

Livre caminhava com as árvores, iluminadas, pelos raios do sol.

A vida na mata, sem preço, sem troca, apenas uma história.

Mas a culpa não foi sua, pois nesse novo contexto, o homem branco inventou um pretexto, contando uma outra história, na cidade um homem bom, mas na mata um vilão.

Dias carregados de engano, você não sabia sobre os planos. E como um pássaro na gaiola, violarão a sua história.

A maldade levou a riqueza e a beleza. Nem a mata te restou.

As folhas das árvores balançavam querendo fazer um conto sobre a sua história enquanto às águas dos rios corriam escrevendo um poema para lembra de cada cena, que partiu o coração.

Hoje que saudade da inocência, que o homem branco carregou, separando como um filho de uma mãe, a terra de quem a sempre protegeu, colocando limite no que ele diz que nunca foi seu.

E agora você defende o pedaço de uma terra, que o homem branco diz que é sua, mas não espere essa virtude, pois um dia, outra vez, ele muda o contexto e inventa um pretexto, para lhe tirar mais que uma terra, a vida que ele nunca te deu.

ELA

Ah! Eu me lembro dela.

Aquela mulher de garra, que chamavam de mulata!

Não era um elogio, era mais do que isso, pejorativo.

O foco era nas suas curvas, no delinear das suas pernas,

nas criações das marchinhas de carnaval.

Tentaram tirar a sua essência, mas a mistura de mulata,

não condiz com a sua força, com a história da sua raça.

O quilombo traduzido, no coração do negro esculpido.

Motivo de orgulho, transmitia a história do seu povo,

da sua vida, de cabeça erguida, de bem com a vida.

Tinha suas raízes no coração.

Mulher, negra, bem-sucedida, sempre lutou pelo direito de ser ouvida.

Aquela mulher que não baixava a cabeça, quando os olhares eram contra o seu sucesso,

a sua carreira, a sua história.

Seu esforço e competência eram a melhor resposta.

Na correria da vida, aquela mulher de pulso firme, de alma nobre,

encontrou tempo para ensinar os filhos a sua história.

De demonstrar que apesar das agruras da vida

e de muitas palavras sem contexto, cheias de preconceitos,

era orgulho dizer sou negra, mulher e pronta para enfrentar que o vier.

Aquela mulher que me inspirou, mais que gênero, mais que raça, que chamavam de mulata,

vi descer as escadas, não tinha rótulo de professora,

nem o crachá de doutora, mas ela é, a mulher que me gerou.

O VÔO DA LIBERDADE

Ela não quer mais histórias, mais conto de fadas.
A bem da verdade é que ela nunca quis.
Não quer o príncipe do castelo, ela não quer ser salva.
Ela já sabe se cuidar, já desceu sozinha da torre
e ninguém a fará voltar.
O cavaleiro, com toda a sua elegância em cima do ca-
valo branco,
já não ganha mais o seu coração.
Dizem por aí, que ela já não sonha mais, que rasgou as
vestes de princesa,
que a liberdade a seduziu.
Mas ela? Vive sorrindo pelo caminho, mesmo quando
anda sozinha,
pois a felicidade de ser ela mesma a tornou
independente, sonhadora e livre.
Ela dança na melodia daquilo que lhe faz bem.
Ela quer deixar um legado,
um marco da sua verdadeira história
e não aquela inventada por uma sociedade tão hipócri-
ta.
Que a sua história seja contada nas ruas, nas rodas das
meninas.
Que aproveitou a vida, o encanto de poder dizer não,
quando quis,
abraçando o sim quando sentiu que não custaria a sua
liberdade.
Vôo, correu, se lançou gritando diante do vento sou
responsável pelos passos que dou.
Não há perfeição é apenas a vontade de viver aquilo
que ela escolheu ser.

CLODOALDO CANDIDO DE LIMA

Clodoaldo Lima, natural de Curitiba/PR. Formado em Processos Gerenciais, trabalha com vendas e tem dois livros publicados, "Luar" (2017) e "Mágicos segredos" (2019). Acredita num planeta melhor através do uso das palavras.



OLHOS AZUIS

Quis parar o planeta, não deu, o globo é maior que os olhos.

As Bolas azuis, confundiram-se, no universo dentro de si.

— É possível mesmo assim?

— Sim é! Respondeu para si, o finito dos meus olhos são o infinito da minha mente.

Acordou o dia e fez a noite em um piscar de olhos.

12/09/2021

‘SONREAL’

Conversa na cozinha na hora do café!

— Tive um sonho!

— Ah! É! Sonhou com o quê?

— Que tinha virado pó!

Assustada(Outra garota pergunta)

— Como assim Pó?

— Poeira, fui secando, até desintegrar!

— Que loucura!

— Pois, é!

— Um vírus ataca as pessoas!

— Vírus? — Indagando.

— As pessoas contaminam-se por ficarem próximas!

— Que sonho horrível, tinha cura, a doença?

— Tinha vacinas, mas por culpa da politicagem muitas pessoas morrem em todo

mundo, eram pilhas de cadáveres!

— Não foram sepultadas ou cremadas?

— Sistema, estava em colapso, os corpos eram jogados em qualquer lugar.

— Alcance o açúcar por favor (pede uma das garotas)

— Obrigada!

— Conte mais sobre esse sonho, você estava sozinha quando virou pó?

— Estava com minha namorada, virou pó tomando a vacina, estava contaminada!

— Tinha uma namorada?

— Sim!

— Preconceito?

— Não! Admirada, só!

— Para mim o amor é o que importa!

— Bom voltando ao sonho! — Fala a sonhadora.

— Sim, continue!

— Dentro do sonho as pessoas queriam voltar a viver,

pois, elas tinham parado no
tempo!

— Como assim?

— O tempo era o principal inimigo das pessoas, o intuito era ganhar dinheiro,
coisas como curtir a vida e a família ficou para trás!

12/06/2021

FANTASIA INFANTIL

A mãe empurrando o carrinho de compras enquanto olha os preços dos produtos, a filha de “Maria chiquinhas nos cabelos” pula e canta em volta.

Todos a bordo, embarcando no mundo da beleza!

Com cinco anos aproximadamente, continua com o vasto repertório de peripécias, a luva de lã e a máscara, dava a impressão de uma boneca que saíra da caixa a pouco.

A mãe continuava preocupada com os preços, enquanto a filha dava voltas no carrinho de compras!

— Mamãe, mamãe, olha o carrossel, estou no carrossel!

A mulher sem olhar para a menina responde sem vontade.

Está bem filha, belo carrossel, divertido né?

— Sim, mãezinha, mas só tem espaço para crianças!

A mulher absorta em seus pensamentos, só balança a cabeça.

— Maheeeee!

— Quê, filhaaaaa!! Fica quieta, mamãe precisa fazer compras!

— Está bem mamãe, mas o carrossel continua a girar!

23/07/2021

CRISTIELE LEMOS

Escritora, professora, agente e conselheira Cultural, coordenadora do espaço literário Lendo. Não pensa que um autor precise estar preso a um gênero específico, por isso suas cinco obras escritas, são de gêneros diferentes.



ALMA

Alma incompetente

Quem disse pra você se apaixonar?
Por quem não pode te amar
Por quem não vai te cuidar?
Que vai apenas te usar
Enquanto você for necessária?

Alma incompetente
Será que não consegue ver?
Quem não é bom pra você
Correr ao máximo de distância
A fim de se proteger?

Minh'alma tão sofrida
O que farei da minha vida
Se a todo tempo sem cuidado
Você acaba ferida?

Ah! Quem dera haver solução
Pra essa importunação
Talvez tua única saída
Seja fazer uma cisão
Entre a mente e o coração.

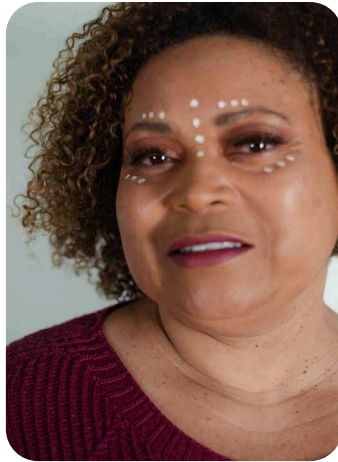
Assim, mesmo quando doer
Eu não vou pensar em você.
Eu não vou mais me recordar
Daquilo que me fez sofrer

DE LUTO EU LUTO

Eu estou de luto
Pelo amor que se perdeu
Pela esperança que se esqueceu
Pela empatia que passou
Pelo sonho que se encerrou
Estou de luto
Pelo riso que se calou
Pelo frio que chegou
Pelos lembranças que sepultou
Eu estou de luto
E de luto permaneceréi
Até que eu veja outra vez
As crianças brincando na rua
A menina sonhando na lua
As senhoras em suas janelas
Cuidando da vida que não são delas
Os homens assistindo TV
Depois de horas a trabalhar
Os meninos a disputar
A garota mais linda do bairro
que continua a os ignorar
Permanecerei de luto
Até ver de novo a inocência
O rosto jovem da imprudência
As rugas da experiência
O pouquinho compartilhado
O amor explicitamente rasgado
De pessoas que de coração
Se doa a outros sem restrição

CRISTINA RIBEIRO

Escritora, poeta e colunista da revista virtual *Mente Ativa*. Escreveu o livro “Pela liberdade de nos construirmos Negras”, editora Publicato. Uma mulher negra empoderada que empodera outras mulheres. Tem como objectivo levar a cultura a todas as pessoas, principalmente as mais humildes.



MULHER NEGRA

Tem uma beleza que encanta
Que ao mesmo tempo está escondida
Aos olhos de quem não sabe ver.
Tem coragem e força
Lutando bravamente
Contra aquele o preconceito.
Preconceito esse
Ataca seus traços e seus cabelos crespos lindos.
Preconceito esse que machuca,
E causa dor, traumas profundos.
Preconceito esse que é notório em muitos lugares.
Que tenta esconder a beleza dela.
Ela é merecedora
 é linda
 é encantadora
 é vencedora.
Ela é luz
 é força
 é Diva
 é Magnífica.
Ela tem Potencial para ganhar o Mundo
Ela é um Diamante que Brilha.
 Há Mulher Negra!

Cristina Ribeiro

A DIVERSIDADE

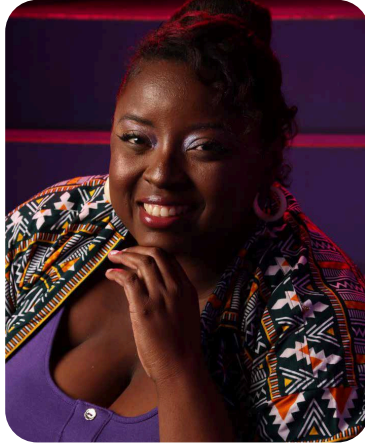
A Diversidade existe sim
Ela sofre e chora
Tem voz, olhos, ouvidos
A Diversidade tem habilidades
Que o preconceito não deixa expôr
Ela não aceita violência
Ela clama por igualdade
Ela pertence a sociedade
A Diversidade exige respeito
Ser diferente é lindo, é normal.

POESIA SEM TÍTULO

Aquele olhar firme
que te faz lembrar.
Aquele sorriso largo
que te faz amolecer.
Aquele abraço
que te faz recordar.
Aquele beijo meigo
que te traz lembranças.
Aquele momento
que te faz eternizar.
Aquele lembrança
que te faz sorrir.
Aquele caminhar
que pensar.
Aquele canção
que te faz delirar.
Aquele sentimento
que te faz AMAR!
Cristina Ribeiro

DANIELLE DELANELI

Actriz, apresentadora, professora, poetisa, escritora, roteirista, crítica de cinema, podcaster, modelo plus size, entre outras coisas. Participante de seis antologias com seu primeiro livro solo a caminho.



OUSE SONHAR

Um anjo disse:
Bem-vinda ao mundo
Seja uma grande mulher

Ouse ser o que deseja
Ouse ser o que quiser
Ouse ser o impossível
Aquilo que você sempre sonhou e os outros disseram
que não conseguiria

Você é folha em branco
Escreva sua história
Use qualquer cor
Para colorir sua trajetória

Que sua estrada seja sempre florida
Plena de amor
Plena de vida

Ela é mulher forte
Guerreira
Ela é mulher de 40
A idade da loba não é brincadeira

REFLEXÃO - PARTE 1

Acho que a última vez que tive segurança foi no útero.

Depois cheguei ao mundo lutando e rasgando aquelas paredes apertadas.

À medida que eu saía, o mundo se abria para mim,

A luz ofuscava minha visão...

E eu chorei.

Toda vez que penso nisso, eu choro.

Nunca mais estive tão protegida como quando estava no ventre de minha mãe.

Ficam dizendo que tenho que ser alguém

Mas não me permitem existir.

No fundo pensam que eu não deveria que filo mereço minha existência.

Não basta ser suficiente!

Mesmo sendo competente tenho que me esforçar mais que os outros por causa da minha cor.

Em alguns lugares sou um fantasma

Alguém que não merece amor

REFLEXÃO- PARTE 2

Largada

Vista como nada

Uma existência equivocada

Só não tem nada quem não merece ter nada? (Só não tem amor quem não merece

amor?)

Assim sou eu

Um deserto, coisa nenhuma, um abismo, um lixo:

Um terreno desabitado

Sem ninguém

Sempre com medo de decepcionar

Contando comigo apenas

Abandonada e desesperada

Tenho que aceitar que vão me rejeitar

E no fim das contas, nesse árduo, pesado e prolongado amadurecimento que é a vida, não sou nada mais que uma miserável desamparada.

EDILBERTO JOSÉ SOARES

É o sétimo filho de Maria Luiz Soares e de José Joaquim da Silva. Desde muito jovem se envolveu na criminalidade e como resultado passa vinte anos na prisão, onde se descobre “o poeta”. Participa de concursos de poesias e tem participação em duas antologias, “A Poesia em Liberdade (1999) e “Soltando A Palavra” (2000), e um livro solo de poesia.

Em 2021 participa da antologia poética “Águias Literárias” promovido pela Academia Intercontinental de Artistas e Poetas – AIAP, na qual é acadêmico vitalício por ter participado da sua fundação.

Em 2022 realiza o sonho com o lançamento do seu livro “O Último Grito da Poesia “ com a primeira edição esgotada e disponível para vendas no site da editora Filos.

You Tube O Poeta da Favela
Facebook Edilberto José Soares
Instagram @edilbertojosesoares
Duque de Caxias, 02 de Maio de 2023.



A MENTE DO CRIADOR

Homens passaram escrevendo na tela do tempo
O tempo infinito finito astral e real
Tão vivo escrito na tela do tempo como num mural
Na mente viagem pineal conexão universal

Quebrado as barreiras das mentes mortais
O infinito tá no jardim do quintal
Passando ventos nas mentes atemporais
Movendo os moinhos de ventos da história

Nos corações as medalhas das glórias
A relatividade do hoje o presente
A luz, A Verdade, A Justiça, A Memória
Escrita na tela da mente a compreensão

Nada na vida é finito infinito em vão
Olha tudo isso com o olhar do amor
A Criação Criando A Mente do Criador
Na tela da mente, na tela do tempo... Veja...

11 de setembro de 2023

FESTA NA FAVELA

Hoje é festa na favela
A favela venceu
Mais um filho da favela
Menino de pé no chão
Com troféu de campeão

A favela está em festa
Todos na comemoração
O seu filho poeta
Com troféu de campeão
Hoje é festa na favela

Jota Dê do Rasta
Botando pra torar
Há muito tá na caça
Chegou a hora de brilhar
Hoje é festa na favela

A favela vai tremer
Vai ficar na memória
Desse dia da Vitória
Do Mc Jota Dê
Bota a chapa pra ferver

11 de setembro de 2023

A TUA LIBERDADE

As sombras da caverna
Atual moderna
Assusta e fascina
Nossa triste sina

Cega a humanidade
Não buscam a verdade
Fantoques atuais
Pensamentos banais

Viram tese acadêmica
Ai ninguém mais pensa
O farol da ciência
Nava cristandade

Não só no ocidente
Em todos continentes
O deus avatar
Vai se revelar

A verdade assusta
Mais precisos falar
Você vai chorar
Por calar minha voz

A tua liberdade
Pra te tirar das trevas
Das sombras da caverna
A luz da verdade

Duque de Caxias RJ Brasil
15 de agosto de 2023

EDMAR LEAL

Nascido em São Tomé, solteiro, religioso e filho de pais são-tomenses. Concluiu o ensino secundário no Liceu Nacional, posteriormente ingressou em patronato das Irmãs Canossianas. Estudante do Instituto Universitário de Contabilidade e Informática – IUCAI, no curso de Licenciatura em Organização e Gestão de Empresa.

Em 2017 concluiu o seu primeiro livro. É vice-presidente da Associação dos Jovens e Estudantes de Praia Melão e académico imortal da Academia de Letras Sociedade dos Poetas Virtuais, Cadeira:16, Patronesse: Madre Teresa de Calcutá. É também académico na Academia Virtual de Arte Literária, Cadeira: 43, Patrono: Mia Couto. Académico da Academia de Letra de São Paulo de Aldeia, no Brasil, também faz parte da Associação dos Jovens Escritores de São Tomé – AJES.

Foi vencedor do IV Sarau Poético realizado pelo grupo “Visão de Outro Olhar Brasil”.



NADA SOU...

Nada sou neste mundo
Sou um grão de poeira
Sou cinza ardente
Nada sou além de um instante...

Sou ar fresco que passa
Sou água secando na terra
A dor triste de um erro
Sou flores verdes no ramo
Sou um eterno retornar
Sou o filho que retorna ao Pai.

O PAÍS TEM DONO?

Então minha venerada mãe?
Como podem dizer algo assim
«Saiba que o país tem dono»
Se ainda "hoje" vejo um novo tempo
Pleno de paz, esperança e alegria
Esta é hora de lutas e glórias
Essa terra não é ninguém
Pois pertence a todos nós
Preto ou branco, magro ou gordo
E aos que outrem viviam chorando,
Eu digo seja forte e não chore
Todos somos donos deste chão
E também o somos deste mar
Nossos ancestrais conquistaram
A ilha mais bela do Atlântico
Nossa pérola mais valiosa
Vivas a nossa gente que sonha
Com essa soberania nacional

EVELINE DE SOUZA

Brasileira, advogada, professora aposentada com 34 anos de dedicação à Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, artesã bonequeira, reside na cidade de Franca, interior de São Paulo. Acredita na arte como ferramenta para promoção de autoestima e identidade cultural.



ALMAS MUTILADAS

O que está a fazer
Análise vazia e obscura
Não há conforto na clausura
Daquele que se vê aniquilado

Mostrar a essência, difícil tarefa
Pra quem no outro não acredita
Fazendo a dualidade
Maldade que fere e interdita

Dilacera e descarta
Quebra e parte a alma
Mutilada por aquele que abraça
Subtraindo forças latentes

Com rastros inodor e incolores
Ciente de que a dor não disfarça
Enquanto a vida passa
E que a morte tem cor

TRANSBORDE

Não guardes as mágoas contigo
Que insistem em te acompanhar
Elas traduzem um sentimento
Que a ti não cabe avaliar

São impuros, sempre marcam tua alma
Importante identificar
Quando mente e corpo acalmam
Repudiam sem interiorizar

No entanto o que fazem as ações
Humanas quase insanas
Competindo ao longo da vida
Com frequência e ingratidões

Por tudo precisa ser grato
Se tens hoje, terás amanhã
O passado deixado
Tecituras de uma existência Sam.

AS SOMBRAS

Sobre tudo que há nesse Mundo
Eu sempre vou refletir
O medo do desconhecido
O que ignoro, deixo seguir

Não há nada mais triste
Do que país conheço
Que bom, existem recursos
Muitos deles tem meu apreço

Um livro, uma boa conversa
Ajudam a entender o porquê
São tantas as tarefas
Que terei de fazer
Como me afastar das sombras?
Que insistem em me abordar
Elas irão sempre crescer
Ao invés de se afastarem

Tudo muda a todo tempo
É difícil entender
A dimensão dessa vontade
Necessidade do aprender

Todo encanto precisa
O conhecimento alcançar
Um dia o medo dessas sombras
Terá de me abandonar.

GABRIEL SILL

Nasceu e cresceu na periferia da cidade de Brasília, no coração e capital do Brasil. Escreve desde os seus 10 anos e suas obras são baseadas em diferentes momentos da sua vida, ao mesmo tempo, elas são retratos da busca pela identidade própria.



CONFIGURAÇÕES

Há algo de errado comigo.
Abro minhas configurações.
Vou ver o que consigo
Sem afetar minhas emoções.

Talvez eu queira ajustar,
Talvez para ter desempenho, eu precise mudar,
Talvez eu só queira agradar,
Eu quero garantir que alguém vá me aceitar.

Não tenho mais confiança,
Quase nada de segurança.
Não queria ser pouco otimista,
Mas eu também seria mais realista.
O que eu quero é só evitar me machucar.

Em meio as pequenas realizações
Se sobressaem as frustrações
As mesmas que apertam os poucos realizados
E os deixam despedaçados
Se possível, eu só queria desativar

Último aspecto para mexer
Ela me obriga a dissociar
E ameaça o bem-estar
Entretanto, é minha mais sincera manifestação
As vezes eu até penso em nem desligar

Fecho minhas configurações
Revejo minhas intenções
Eu ainda tenho tempo pra mudar
Eu ainda posso melhorar
Há algo que vai se acertar

DOCE ESBOÇO

Com todo o meu coração, eu te amo, doce esboço.
Por mais que eu queira desistir,
Sempre há um motivo para você existir.

Insensato é esse que só quer te fazer piorar,
Que pretende te esquecer e simplesmente fazer você
não tentar.
Que tolo eu seria se não quisesse enxergar,
Toda a situação que você teve que passar.

Nada estável, eu sei.
Eu nunca fiz nada perfeito, também errei.
Pode ser frágil, eu ainda nem testei,
Mas não pude deixar de dizer que tentei.

Certo dizer que você vai ser aprimorado,
Vai sair do abstrato.
Os dias passam e você melhora,
Só quero saber onde você vai chegar, não vejo a hora.
Eu ficarei encantado.

O minha paixão é sua, doce esboço.
Por mais que eu possa te mudar,
Sempre haverá o como tudo começou,
Que eu farei questão de lembrar.

ENSAIO SOBRE O PÔR DO SOL

Encaro a montanha de arame,
Em meio a nuvem de um mau devaneio.
Não é meu desejo que o mundo me ame
E nem que a coroa seja de sorteio.

Por que faço questão de aqui estar?
Já não basta este sofrimento?
Por isso que aqui não irei ficar,
Pois sei que aqui virá o meu maior tormento.

Mas é lá em cima que eu poderei ver
Aquela dúvida esvaecer
Sobre as recordações do meu nome
Vou admirar enquanto um grande raio de luz me consome

Admiro essa despedida porque ela sempre é novel.
Eu sei que você promete voltar,
Mas não vou deixar de amar
O que você carrega nesse céu.

A estrela que faz o mundo girar.
A estrela que trouxe a mudança.
À estrela, diga que não irei parar!
À estrela, diga que eu ainda serei mais do que uma só lembrança!

Quando o sopro tiver terminado,
E eu ter feito este legado,
Você irá embora e eu vou querer sair.
Espero estar com você enquanto vejo meu passado de pé, me aplaudir.

IARA FARIA

Professora de Língua Portuguesa, formada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tem 52 anos de idade. Fez 25 anos de magistério nos quais ajudou centenas de pessoas a realizarem seus sonhos. Participou das Antologias Poéticas “Se tens um dom, Seja!” (Volumes 2 e 7), escreveu o livro “Mentalize a luz azul – 50 anos – Iara Faria”.

Idealizou projectos de colectânea de textos e publicação de livros de seus alunos da rede estadual do Rio de Janeiro (2018/2019) e na rede particular (2022). Tem um canal no YouTube, “Mentalize a Luz Azul – Professora Iara” onde fala acerca de dúvidas da Língua Portuguesa e Literatura



À HELOÍSA

Helô, Isa, Lolô...
Vítima do horror chamado violência
Uma série de erros levaram você
Para virar estrelinha de Papai do céu
A violência do roubo
A violência da receptação
A violência da falta de condução
A violência da oferta fácil
A violência da falta de informação
A violência do comprar barato
A violência do medo da morte
A violência do fuzil
A violência policial
Que mais uma vez
Leva um anjinho pro céu!
Ah, minha Garota de Petrópolis,
Você será sempre lembrada.
Ah, meu amor, sua foto nunca sairá
Das mentes de tantos que
Ouviram, ouvem e ouvirão sua história,
Outras histórias de tristeza e dor se repetirão
Pois, infelizmente, meu amor, você não foi
A primeira, nem será a última
Vítima da violência!

(Iara Faria - Domingo, 17 de setembro de 2023.)

ONI, BEIJADA!!!

A gente pede bala
A gente pede doce
A gente pede guaraná
A tiazinha sempre dá
As estrelinhas do céu recebem
A pureza do pedido de aplacar a dor
As estrelinhas do céu olham cada desejo
Com carinho e afeto
As estrelinhas do céu sempre trazem
Não o que se pede, mas o que se merece
As estrelinhas do céu só querem
Ver o bem na terra fria
E acolher àqueles que choram.

(Iara Faria - Rio de Janeiro, 17 de setembro de 2023.)

RIO DE JANEIRO

Cidade maravilhosa de muitos encantos
quantas diferenças existem em cada esquina...
Como não me incomodar com meus irmãos de cor sen-
tados sob as marquises
pedindo um trocado, um pedaço de pão, uma oportu-
nidade?
Como não me incomodar se ainda vejo o abismo social
que nos separa?
Só queria que alguém olhasse por essa gente,
que alguém fizesse algo realmente relevante
e não fosse apenas promessa de campanha,
mas compromisso com cidadania e empatia.
Um pedaço da minha carne negra está ali
naquela calçada,
naquela praça,
embaixo daquela ponte
vendendo drops naquele sinal.
Que sensação de impotência
move meus passos,
guia meus dias.

(Iara Faria – Rio de Janeiro, 12 de novembro de 2020)

ISABETE FAGUNDES ALMEIDA

Nasceu em Porto Alegre, RS. Poetisa, artesã, escritora. Autora dos livros “Passeio Poético” (editora Agbara edições 2020), “Abrindo o Baú” (editora INDE, 2021) e “Contos e Crônicas” (editora INDE 2022). Tem formação superior em Pedagogia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e pós-graduada em Neuropsicopedagogia.



GUERRA E PAZ

Fé e coragem transformaram mulheres
Em bravas guerrilheiras
Que vêem na luta a possibilidade de
Conquista e libertação.
Não recuaram, enfrentar a missão
Muitos corpos tombaram ao chão
Em suas voltas, orixás dando a mão

A vida não amenizou, guerreiras
Não foi dada a opção de paz
Seus combates fizeram transformações
Encorajando as novas gerações
Que não se acomodaram e fazem revoluções

CONTRADIÇÕES A SÓCRATES

Não quero beber esse copo de Cicuta!
Quero quebrar essas correntes que me prendem
Sem corromper minha essência e conduta.
Forjada a partir de situações que me transcendem.

Não quero ser um Pseudo propedeuta filosofando,
Construindo hermenêuticas vazias.
Tentando mudar um mundo carregado de contradi-
ções.
Acreditando estar em processos de filogenias.

Sirva- me uma taça de Serotonina,
pois quero embriagar- me e assim justificar meus atos
de alegria cristalina.

Não quero ser condenado à morte!
Quero ter a sorte de viver questionando os mistérios da
vida
Mesmo sabendo ser o mundo!
Tomado de almas perdidas.

OBSCENO

Despiu seu amor ao mundo
Nu e sem pudor
Mostrou tudo do seu interior

Decência acorrentada na arte de amar
Jogadas ao mar dos afogados
Sem histórias para contar

Incessantes tentativas de manter as ideias provocando
a mente.
Que em atos ilibados, julga, culpa e condena os pensa-
mentos.

ISMAEL LOURENÇO COMBA ALICE BAZZA

Poeta angolano e declamador. Começou a dar os primeiros passos na escrita em 2012, desde então tem publicado os seus trabalhos na sua página denominada Versos Meus.



DOÇURAS DE ARREPENDIMENTO

Se eu soubesse
Que a vida beija tão bem
Não me acasalaria com esta solidão
Nem me enrolaria nos braços da ilusão
Para beijar um presente desconhecido

Ah! Se eu soubesse
Que a tristeza jamais será bela
Não embelezaria com amor os seus padrões
Barraria o seu sorriso
Que falsificou o meu bem-estar

Naquele mar de momentos
Não deixaria a dor ser meu oxigénio
Nem nadaria com rancor
Se eu conhecesse o outro lado do amor

Nunca seria tão doce
Se eu soubesse do efeito luz
Da inconstância da lua constante
Do soletrar que nem sempre maltrata
Das lágrimas que nem sempre são das mágoas

Não deixaria o verbo melancólico dominar a minha fala
Se eu soubesse dos cacos da felicidade.

“ÀS VEZES”

Ainda sinto saudades
Às vezes...
Reanimo esperanças à beira da morte
Visto momentos alegres e tristes
Tirados das lembranças
Que o meu eu Vasculha

Tento tirar-te do mundo utópico
E pôr-te a cruzar o meu olhar
A tocar a minha pele
A embelezar a minha realidade

Às vezes...
Várias vezes...

Sinto-te a regressar em loucura
Com pressa feito um íman
É o desejo de ti que ainda me invade
Colocando vírgulas onde dormem os pontos
Causando comichões à minha satisfação.

Às vezes
Burlo o meu presente
Contesto o meu passado
Saio de mim à procura de ti.
E volto sempre com a saudade
Escoltado pelo talvez do amanhã

O mesmo talvez
Que instiga-me a reanimar as esperanças
O mesmo talvez
Alimenta as saudades
Que as várias vezes sinto.

DESSABORES

Alguém me disse
Que os cacos alegam serem vítimas
Dos balões que eles próprios rebentam
E que andam por aí espalhados
Exibindo a sua falsa inocência

No vai e vem dos amores
Sofrem os que impedem as despedidas
Algumas incompatibilidades
São vistas como ausência da insistência

No meio dessa inconstância do mundo
Governada pela falta de empatia
A revolução é docilmente banalizada
As pessoas desistem da paz
Para morarem na teoria de agradar a todos.

Ainda há quem não se lembra
Do esquecimento que ausência constrói
A evolução não aceita reservas
Nos lugares sentimentais
E quem dá liberdade ao passado
Tira o bem-estar do presente.


O imediatismo não se importa com a destruição
As personalidades se vão
Os sonhos morrem
E a nostalgia fica para nos confortar.

JANICE MONTEIRO CUNHA


Activista de movimentos sociais. Trabalha única e exclusivamente como agente de transformação humana desde 1986. Todos seus esforços e ações estão direccionadas para a evolução, o sucesso e a felicidade das pessoas. Porém, na década de 90 abandonou definitivamente as linhas ortodoxas e passou a actuar exclusivamente com a arte seja como dançarina, percussionista, cantora de coral e teatro.

Mas foi com o contacto com as crianças como recreadora e contadora de histórias infantis, que encontrou seu poder pessoal e promoção do autoconhecimento. Aos 7 anos vinda do interior chegou a Salvador e se encantou com as histórias ouvidas pelos seus avós e vizinhos mais antigos.







Dançando para me libertar
Vou dançando chego lá
Pirralha magrela
Tambores em movimento
Acabou minha tristeza
Dançando vou me acalmar
Bati o pé no chão
O ritmo estremece meu coração
Mal comecei andar já sei dançar
Chão batido terra solta
Vejo a poeira arribar
A rua e o palco
O farol do carro chega para iluminar
Ritmo nasce em direção ao céu
A vida soube pelas minhas pernas
Sou livre quando danço
Pé firmes no chão
Ritmo frenético dos Quadris
Braços girando
Os seios grandes balança
Cabeça erguida
Meu sangue tem dendê
A música me chama
Dançar me chamo liberdade
Saltos engolidos por sensações
Aturdidas pelos tambores
Saia rodada
Pano alvo da cabeça
Coberta apenas por uma felicidade
Prazer de requebrar
Agitando Pernas trêmulas
Tambores continue a ressoar
Instintivamente estou voando
Dançando até o último pingo do suor
Te aqueça mulher
Você não vai dançar



Levaram meu sonho
Vou recomeçar
Dançar e desbravar minha alma
Chamar pra curar
Reverenciado a árvore da minha vida
Me embriago nos movimentos
Dançar dançar dançar
Para aplaudir minha vida
Reverencio minha alma
Meus movimentos meu eu
Meus movimentos fala
Danço em qualquer lugar
Eu preciso dançar
Deixa meu corpo falar.



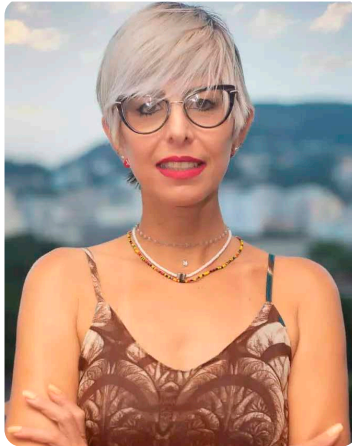
Posição incômoda
Espaços vazios
Um rolo de cordão
Um puxão
Óleo na mão
Um apertão
Um rolinho no cabelo
Apertado com um cordão
Olhos vermelhos
Outro puxão
Deslizando sobre minha cabeça mãos
Cheiro forte rasgando em mim
Fumaça fuga rua
Espinho lamento sombra
Marcas profundas
Abro meus olhos
Não consigo enxergar
Mudei de cor
Quero me esconder
Acordei não falei
Quem sou eu
Um sinal
Ouça cânticos
Me movimento
Ele chega antes
Trás orum
Corrente de ferro
Cai no chão
Viro fumaça
Aí meu cabelo.



Muitas escadas
Poucas janelas
Portas abertas beco vielas
Bico na diagonal lá vai ela
Banco de madeira para estudar
Velha demais, o que ela vai me ensinar?
Abóbora com leite rapadura e cocó
Ela quer me engordar
Chinelo perto para me impressionar
Ficar de joelho atrás da porta
Me faz lembrar
Buraco nos jornais para letras aumentar
Radinho pela manhã para acordar
Isso me faz repensar
Toda vez que penso no papel deveria colocar
Desmontei um quebra cabeça
Como voltar a montar
Não tenho mas tempo a mala
Já esta fechada
Deixa pra lá

LAÍS ASZMANN

Laís Tononi Vieira da Silva, moradora da zona Sul do RJ. É fotógrafa, poeta, escritora, modelo, atriz, artista e coach em moda sustentável digital influenciadora, blogueira. Ama escrever desde os seus 11 anos e lançou seu primeiro livro e-book em contos eróticos “Ousadias da Ivy” em 2021, já disponível na Amazon. Embora novata na literatura, já teve um poema publicado em livro 1998/1999. Participou de uma coletânea em 2022 chamada “Natal, nascimento de Jesus” em 2023, “Mulher em Deus”, “Olhos de Um Poeta” e uma antologia na Bienal do Livro RJ 2023.



O AMOR

O amor é algo que aquece a alma,
Corpo, coração, espírito
O ser em plenitude demasiadamente.

O amor ao passar do tempo,
Cresce apegando as transformações
Mais encantadoras de duas mãos
Dadas encontram respostas.

O amor são gotículas
Sentimentos, sonhos,
Corações juntos à respirar,
Todos os dias como se fossem
Os últimos dias de suas vidas.

SINTO

Sinto mais do que demonstro
Sinto mais do que desejo.
Sinto mais do que falo
Sinto mais do que quero.

Sinto mais e faço mais
Sinto mais e quero mais,
Sinto e sei mais do que
APARENTO.

SEJA SORRISOS

Pedacinhos para rir
Para sentir, viver
Acariciar, somar
Alegrar, acalmar.

Seja sorrisos
Para aquecer,
Elevar, caminhar
Como pegadas
Ao vento como
Um carro veloz
A me enfurecer.

LEYLA LOBO

Leyla da Silveira Lobo, mais conhecida como Leyla Lobo. Poetisa e escritora. Nasceu no Rio de Janeiro, aos 07 de Janeiro de 1940. Publicou os livros de poesia “Ontem... ainda” (1977), “Lágrimas de agora” (1981), “Hai-kais” (2004) e “20 Poemas e um segredo” (2022). Publicou também, pela Editora Bom Texto, os livros infantis “As Travessuras de Lili” (2006), “Lili no Parque” (2007) e “Lili vai Surfar” (2008). Em 2015, lançou o livro infantil “A Faxina no Céu”.

Em 2017 inaugurou no YouTube o seu canal dedicado à poesia: “Leyla Lobo”. É membro colaborativo do Encontro de Poetas da Língua Portuguesa – EPLP. Há vinte anos, faz parte da Casa Poema, escola de poesia falada, fundada por Elisa Lucinda. Frequenta o Corujão da Poesia, organizado por João Luiz de Souza, o João do Corujão, onde participa de saraus presenciais e on-line como declamadora.



A CANÇÃO DO TAMBOR

Quero um tambor
para levantar um brado
a este povo sofrido
açotado e acorrentado.

Quero um tambor
que reúna os irmãos
evocando a bravura
dos negros na escravidão.

Quero um tambor
pra tocar na lua cheia
a coragem desta raça
e a fé que arde na brasa.

Quero um tambor
que batuque a esperança
no samba contra o racismo
o canto do escravo livre.

Livre! Livre! Livre!

A POESIA DO FADO

A luz escura
no fundo do bar
canta sua sina
com voz dolorida.

A guitarra portuguesa
dedilha na tristeza
todo o amor de sua vida.

Vida vadia
da vadiagem das ruas
toda a história da fadista
é a saudade que se escuta.

Oh, melancolia!

Oh, solidão sozinha!

Toca, guitarra clássica...

Toca, guitarra portuguesa...

Toca a doce melodia!

Toca a paixão de todo dia!

MULHER

A mulher escreve a vida.
Não como um homem,
mas como um pássaro.
Em sua plenitude,
voa alto,
percorrendo
o infinito espaço
luminoso das estrelas.
Asas protetoras abrem-se
em grandes leques,
que guardam a beleza
das nuvens que passam.
A graça musical do firmamento
encanta o pensamento
dos anjos desocupados.
Teu instinto maternal
é uma flor sempre aberta
sobre teu corpo.

Mulher-Mãe.
Mulher-Natureza.

LUCAS ANDRADE

Nasceu em Salvador (BA), aos 01 de Julho de 1996. Trabalhou fazendo poesias ao longo dos anos a partir de vários pontos de vista das emoções, através de seus estudos na Faculdade de Psicologia com abordagem Analítica onde se especializa em PAP e Esoterismo. Passou por diversos momentos difíceis pelas psicopatologias, mas estudando a si mesmo e aos outros e fazendo tratamento conseguiu chegar a várias conclusões comportamentais profundas e importantes para arte florescer. O mesmo tem uma loja de enteógenos e um Centro Universalista com o uso destas, adentrando ao autoconhecimento para todos.



NAVEGANDO EM TINTAS

Sou um navio perdido em um oceano estrito
Longe, para que as terras secas não me olhem
Quero ir tão alto onde a chuva não me molhe
Levado pelo balanço da viração forte
Pasei o brilho das estrelas para gravá-las em mim
Brilhos que antes caíam contundente em um vácuo
Ciente do lugar certo para iluminar
Ressonar os astros fracos
Procurar a galáxia perdida
Em minha voz há campos estendidos de flores
Que pelos sorrisos preferem ficar escondidas
Deixo a mochila aberta para novas descobertas
Deixo as árvores florescerem em meu coração
Para colher meu espírito no verão
E minhas raízes se fixarem no céu infinito
Sou a fonte que me produz
Mas preso entre os raios de luz
Pulo a janela de Deus e fujo
Para agarrar o espesso amarelo da amplidão atmosférica
Para ser o átomo primordial que se encaixa em qualquer molécula
Até minhas células virarem tinta
E a miraculosa escrita morrer na eternidade
Me abrigar em suas partes de verdades
Em sílabas e letras de palavras que me adotaria
Na biblioteca da impossibilidade tirei uma soneca
E os meus sonhos eram o que eu já escrevia.

TERAPIA ESTELAR

Minha base é a discordância
Com abundância de constância na grama em distância
Brigo para brincar
E brinco para reclamar
Designo meus agudos pensamentos a Deus
Para presentear a sua criação
Fujo da imagem de perfeição
Ser fiel a si mesmo é uma giratória
Que não sabe a sua velocidade
Vou perseguir minhas felicidades
Em uma ponte nu, para não me vestir
Cru, com vaidades que tenho que seguir
Vou abrir meu caminho para o céu
Em astros intumescidos e púlpitos que me dão a respos-
ta
Espero o amanhecer de fantasias
Na ladeira de luzes apenas desço para sentir
Sentir o vento que refresca a minha pele e minhas emo-
ções
Sentir a vibração que respiramos
Faço parte de todos os lugares e âmbitos
De todas as horas e seus anos
A mesma coisa é apresentada de maneiras diferentes
Se quente na esquiva fervente
E se esfrie no pensamento estridente
Ensinado pelas estrelas
Ensaiado por planetas
E executado por luas
Regozijo assistindo a supernovas
Exijo que essa escada do peito nunca suma
Longe da inconstante cova
Que renova minha libido
E durmo nesta grande bola.

O CÉU

O fino vidro do céu
Que recheei os grandes encantos
Pulei nas luas do amanhecer
Que da escuridão reclamava tanto
Tão cheias de razão que se entrega
Mesmo cega de suas órbitas
Seu reflexo deita nas nuvens
E me mostra a presunção se esvoaçar
Folhas que balançam em seu olhar
Alguma coisa certa para achar
Que está lá, em algum lugar
Quero estar na poeira que nos faz
Anuir o afago de uma imensa paz
Nebulosas se ajeitam entre suas descargas
O ar imaculado se implica ao calor
O rigor do preto entre os brilhos
O silêncio que transborda equilíbrio
Testando a pureza que nos habita
Entre os seios da ceia viva
Que nos compreende e nos releva
Pensamentos te prendem e te libertam
Cria sonhos guardados pelo espaço intocável
O circo me telefona para jorrar a glória
De mil risadas saltitantes
O abstrato do mato nos mata ao deleite
Jarros derramam meus nervos no berço de Deus
Respiro a arquitetura da paisagem precisa
Inacabável horizonte
Esmagando as ondas que beija meus pés
A terça metade da verdade vem tarde
Abrigando a eternidade almejada de sensibilidade
As estrelas penduram a beleza
Unido pelo vívido que medito
Enquanto o acaso se casa pelo espaço.

LUCAS LOPES VALADARES

Brasileiro, especialista em Segurança do Trabalho, pós-graduado em produção cultural, possui diversas antologias publicadas e é autor dos livros “Marcas”, “A Terceira Noite”, “Agridoce” e “Entre Nós”.



TRINTA NÓS ENTRE NÓS

Quando tentei costurar minha alma à mão,
era um dia de semana, fim de tarde e resolvi mudar a
história.
Sentei-me no banco da praça e, sem perceber, comecei
a me rasgar em pedaços. Ali mesmo,
dei o primeiro nó tentando me remendar e não passou
muito tempo, notei que as fracas linhas não davam de-
vido suporte à agulha enferrujada.
Ao sol, tentei limpar a ferrugem e repeti para mim, que
lavar com lágrimas não bastaria.
Foram dez pontos, dez traços,
dez gotículas negras que enfeitavam meu tecido bran-
co
e surrado pelo tempo.
Precisei rasgar até criar um buraco
para com a sobras outra parte remendar! Àquela altura
da vida,
já me acostumava aos retalhos.
O tempo passou
Eram quase três da tarde quando, comecei a entrelaçar
de novo
e, mesmo sem força em meus pulsos, seguia com a es-
perança de mudar este triste e incoerente resultado.
Ao todo foram:
Quarenta cortes, mil agulhas e noventa linhas
Trinta nós entre nós.

VELHO PUNHAL

Manchas turvam-me a visão,
Indo adiante é hora de partir.
Tomar este velho punhal e enfrentar o relógio.

Tocarei minhas férias de novo,
Lavá-las no rio que flui.

Nunca estarei distante das marés,
Banharei o punhal que cravaste
E caminharei cego pelas águas.

SUPERFÍCIE

Na superfície dos meus ossos
A expressão mais profunda
Abre-me os portões do sono
E me lançam à inquietude.

MAGDA GODINHO DE ABREU

(1962) Artista multimídia. Arte terapeuta, ampla experiência como arte educadora, e alfabetização. Apresentada como professora de artes, é pesquisadora de tecnologias assistivas para inclusão de não-letrados, ou com baixa cognição. Fundadora da “Ousadia Startup de Inovação”, desenvolve materiais didático-pedagógicos, jogos terapêuticos, artesanais e digitais como propostas para aprimoramento cognitivo e sócio emocional, com linguagens artísticas, multimodais e audiovisuais e objectos terapêuticos. Tem formação em roteiro e locução de audiodescrição. Atende jovens, adultos e crianças, trabalhadores e profissionais, comunidades, ou pessoas em vulnerabilidade. Com uma abordagem Freiriana, utiliza artes e criatividade como método interdisciplinar na alfabetização, o que favorece desbloqueios neuropsicomotores e neurocognitivos.



CARIOCA A LÁ 'WHITMAN' I

Resisto, confusa. Parda, negra-cafusa, pintada. Afroame-
ríndia-fêmea, anti-machista, antifascista. Artista, De-cor:
essência, desconectada, lívida, diante arranjos burocrá-
ticos, epistemológicos e desconexos. Na práxis de uma
sórdida seleção anti-natural. Por entre ruas, avenidas,
praças, prédios e monumentos, perco-me incoeren-
te. Ambígua, oblíqua, fonte de infindáveis reticências.
Salto na chuva, tem água por toda a parte. In...
Submissa aos pecados capitais, às faltas sociais. Entre o
raro e a mísera ideia de iguais. Na fictícia liberdade de-
gradada em realidade Global. O sinal fecha, e a vida de
todas as gentes me atravessam_ asfaltada.

Corro, como um monstro oriental de muitas pernas, e
um dos pares entra apressado no coletivo, se equilibra e
atravessa a roleta.

Pela janela na Brasil, abre-se um portal para uma esquina
no centro da grande São Paulo. Crianças recém púbe-
res, brincando de acender cachimbos me levam até ali.
São tantos olhos que mergulham nos olhos esverdeados
e ausentes, de um menino de doze anos que se oferece,
para satisfazer seu desejo de mais uma pedra de crack.
Estremeço, e me apoio na vitrina, em frente aos joelhos
e esfirras. Do outro lado do balcão, nordestinos. Um
grande vidro de tremoços parece refletir meus olhos
encharcados. Vejo no menino o brilho fosco de minhas
bolinhas de gude, guardadas na estante, de menina.
Lembro me de mim, correndo sem culpa com meus
'gambitos finos', por sobre as línguas que amaldiçoavam
minhas travessuras. Por toda a parte nesse país, crian-
ças correm amaldiçoadas. Na Brasil em multidimensões.
Malditas nas calçadas, desde dentro de casa, desde o
ventre de outras crianças. Mais vulnerável que o meni-
no, não pude ajudar.

A freada brusca do parador me desperta. Parto, sem destino. Nos dias que se sucedem, repito o ritual de existir. Pela manhã devoro-me. Às tardes decifro-me. Diante das variações da COVID: sobrevivo.

CARIOCA A LÁ 'WHITMAN' II

Sigo, deixando meus passos ao derredor, impressos em tudo que me é semelhante e no que me é oposto. Os dias e as calçadas estão cheias de cimento fresco. Por sobre minha inércia atenta, os pássaros cantam. As maritacas passeiam. Curiosos, acompanham meus olhos, que vão para longe. Bem longe, no horizonte. Lá onde tudo é deserto. Sob meus pés, areia quente, nômade. Por entre barracos, estampidos de metralhadoras varam às noites. Bem longe e logo ali perto: Sextou. Dá pra ouvir um som alto e distorcido. O inferno sobe à tona para dançar sob o luar. A noite cai. Alvejada.

A madrugada atenta, espreita nas esquinas. Até que o outro dia começa. Somos gente de segunda. De segunda a segunda. Trazendo o mundo, um lugar alquímico, nas costas. Fomos forjados para transcender libertos. O ouro vertido pelo cadinho do tempo, se derrama sobre mim. Transmuto em mil asas que rebatem sonoras e saltam no azul do céu. Faz sol. Faz calor. Chove. O vento desgrenha meus cabelos. Pombos me cercam, aguardam um pequeno gesto que lhes conforte o dia. Amasso os farelos, e retenho o pacote laminado, com as mãos. Lanço-os ao chão. Divido o pão, o sangue, o vinho. E antes que eu atravessasse a Vargas, ou o mar de junco. Esbarro nos pombos com dedos faltantes.
— Ali, vejam. Murmuram entre si. Será um ser?
— Será humano? Náufrago?

Uns olham os reflexos da avenida, nas poças.
— Sobrevivente.

Me reconheceram, afinal. Correm ávidos a bicar as migalhas. Não estou num dos melhores dias. Aguardo, igualmente, um gesto dos céus. Na outra calçada, num prédio recoberto com vidro, vejo meu reflexo: Minhas asas: cortadas. Na fachada quase transparente, com fundo azul.

DO EPICENTRO DE MEU CORPO

Por toda a semana garimpei palavras, que representassem ou descrevessem a mim; ou ao momento, ao entorno, ao externo, ao contorno, longe, perto. Fundo, raso. Cheio. Vazado. Umbigo. Como quem busca o ar para preencher os pulmões. Sob o domínio de um vírus, ou de uma bruta surpresa de um instante de suspense, de calafrios. Um som.

Trilha, ruído, estampido.

Que cheiro têm as palavras que precisamos?

Que gosto têm, ao roçar o céu da boca, muda?

Na lida. Trabalhada, dura, etérea, líquida. Esculpida. Palavras não andam sós.

Como achar uma, que plena, floresça em minha solidão?

D'escrevente. Descrente. Reticente. Ubíqua.

Una. Que adentre o visível do avesso, no oposto, pela contradição.

Palavra pele, resumida. Sibila. Casca. Deitada, com suas marcas, para me recobrir às noites. Sinal. Cicatriz. Traumas, e resguardos, in versos aquietados. Inertes. Do intervalo das ausências. Abrigo.

Um marco evolutivo entre Norte e Sul. Galápagos. Lugar Geométrico.

Pacífico. Para fincar sobre a linha que divide meu estado, de Tormenta. Na memória, palavras esquecidas. Embaçadas. Fronteiriças. Rótulos. Velhas cartas. Fotos mal tiradas. Ingressos. Diários. Oráculos. Burilo drusas de ametistas, entre sempre-vivas mortas. Seco as palavras.

No fogo. As torno em brasa. Ourives, sigo lapidando os

sentidos. Das palavras: Imersas em gavetas e armários.
Palavras muitas. Palavras rotas. Palavras disléxicas.
Vagas, contra um imenso vazio, de pedra.

MARCELO DA SILVA FERREIRA

Está na arte há 20 anos, 2 deles escrevendo poemas.



O UNIVERSO

O universo pode ser visto com um único momento
Usamos todos os meio de viajar no espaço
Mas o maior poder e o pensamento
Olhar para o céu e observar através do olhar
O sol e a lua são as únicas estrelas que conseguimos
enxergar

Também podemos seguir em uma forma de construir
que possa prosseguir
Mas nossa mente e a melhor forma de conhecer o uni-
verso
Através das estrelas que apenas o espaço consegue
unir

O pensamento e a maior forma de conhecer o universo
A imaginação de podemos viajar de forma e criar
Entre planetas e estrelas que possamos pensar
Que universo que descobrimos apenas em raciocinar
O pensamento do nosso próprio universo
E um lugar que não temos nenhum problema em viajar

VOCÊ EU NÓS

Você vê tudo que estar ao seu redor
Pode ver talvez nada
Mas quando pensa ter outro olhar consegue ver me-
lhor
Tudo pode ser visto de vários lados
Apenas ter uma boa visão e tudo fica mais claro

Acredita em palavras ou ações
Pessoas que você escuta talvez tenha boa intenções
Mas pra que acreditar em promessas
E difícil viver em pessoas que não sejam honestas

Eu não te prometo nada
Então te digo confiança uma coisa muito rara
As vezes dizem que posso ate mentir
Olhe bem para mim que eu não vou te confundir
Sou apenas uma pessoa verdadeira
Não acredita já me viu fazer alguma besteira

Nós estamos todos juntos
Como não vivemos num único mundo
Somos iguais ou talvez diferentes
Somos apenas seres viventes
Quem esta falando por voz
Você eu e claro todos nós

A BUSCA

Quando estamos atrás de alguma coisa será que sabemos do que se trata

Pra isso temos que iniciar uma grande jornada

Todo caminho que queremos nós queremos seguir

Mas o destino as vezes prega uma peça e nos faz até desistir

Porem com coragem e determinação tudo que nós queremos vamos conseguir

Sempre existiram obstáculos em nossa caminha

Mas com Fé e também com vontade de vencer

Tudo que devemos acreditar em nossa jornada

Com tudo temos que confiar em nós mesmo que não tem como perder

Devemos sim procurar aquilo que nós mais desejamos

Mas na vida as vezes conseguimos aquilo que não imaginamos

Porem aonde nós vamos o que desejamos

Tudo depende em uma caminhada única

Através de um destino apenas existem a busca

MARINA STOLFI

Poetisa, contista e romancista nascida em Campinas, SP, mas criada como viajante. Marina já conheceu diversos Estados, tendo a oportunidade de morar em Minas Gerais e Pernambuco, onde reside no momento. Participou de três antologias poéticas no ano de 2021, é responsável pelo perfil criativo “Para Ver e Ler” e, actualmente, trabalha de forma independente, explorando e inventando mundos em poesia e ficção, contando com dois livros de poemas, e uma fantasia, publicados no Kindle.



FANTASMA

Se eu sumir,
Não se assuste.
Faz parte de mim,
É reajuste.

CONFISSÕES A UM RELÓGIO D'ÁGUA

Tudo temporário,
Tornei-me um temporal,
Daqueles atemporais.

ENTRE CARTAS E PAPIROS

Me devolva através dos séculos,
Me revolva em pequenos segundos,
Me entregue areias do tempo,
Aqui consta que somos mundos.

MILÚ VARELA MOREIRA

Nasceu na Ilha de Santiago, Concelho de Santa Catarina, mais concretamente da zona de Banana dos Engenhos - Cabo Verde, a 8 de Maio de 1989. Licenciada em Relações Comerciais Internacionais, MBA em Comercio Internacional e Mestrado em Empreendedorismo e Internacionalização. É Empresária e Gestora Imobiliária.



PÉROLA NEGRA

De um ser...
Perante a forma humana,
Lá existe ela toda sensível...

Pérola Negra!
Ser divino do universo
Entre todas as obras da criação
A mais nobre de todas as estrelas
Brilha mesmo no meio de tanta escuridão.

Uma pérola que poucos valorizam
Uma semente de amor que poucos cultivam
Almas que cantam poemas de sofrimento
E que almejam tanto o reconhecimento

Delicada, submissa...
Não esconde a vontade de brilhar
Nem o desejo de bem alto cantar.

Dos seus olhos se pode ver
A alegria e a esperança
Cheia de pureza,
Com encantos de princesa
Uma pedra de rara beleza
Uma dádiva da natureza

A todos conquista com o seu encanto
Pura como um sopro celestial
Abençoada pelo espírito ancestral
Embala o mundo com o seu doce canto.

Pela imensidão da sua alma
Ela é a maré alta que banha as costas dum oceano

Ela é o calor da chaminé, nas noites frias de inverno
Carrega nos seus olhos o mar
E no seu sorriso a poesia

Pérola Negra!

Um ser que a Divina Natureza criou
E com o dom de curar o mundo, a presenteou
Vive e viaja nas asas da imaginação
Aspira aventurar em novos horizontes
Para levar o amor, a paz, e a união

Flor que nasceu no meio de espinhos
Mas, que emana plenitude e sabedoria
A sua missão é fazer do mundo um ninho
Onde reina o amor e a alegria

Pérola Negra!

De sorriso aberto e lindo como ondas do mar
No seu olhar há esperança de um novo amanhecer.

Pérola misteriosa!

De corpo quente e de tamanha delicadeza
Que só com uma voz mágica e poderosa
Acaricia a vida e afasta a tristeza.

Pérola Negra!

Que deambula no jardim, e deixa flores radiantes
Pérola Negra!
Posso ver a ternura nos teus olhos brilhantes
Pérola firme, que espalha a sua rara beleza rara
Por onde quer que passe.

Pérola Negra! Mulher Negra!

Mãe da humanidade!

Pérola Negra!

POVO DAS ILHAS

Povo das ilhas
 Povos das nossas ilhas
 Ilhas dispersas, banhadas pelo Oceano Atlântico
 Ilhas secas e outrora verdes, da cor de esperança
 Ilhas de povo humilde que luta cheio de perseverança
 Ilhas que almejam sempre, dias melhores
 Ilhas de bruma seca, ilhas de saudades
 Ilhas que nasceram do ventre da nossa África
 Ilhas do encanto, filhas do deserto
 Povo das nossas Ilhas
 Povo perpétuo!

Ilhas das nossas gentes!
 Gentes de esperança, de luta e de vitória
 De Santo Antão a Brava, ilhas de pessoas que acreditam
 Essas dez ilhas espalhadas, quase que perdidas no Atlântico
 Ilhas que uns as pintam desaparecidas do mapa e do globo
 Mas, têm elas significado do tamanho do mundo
 Ilhas verdes, outrora secas, ilhas de morabeza
 Ilhas de gentes que sonham com o futuro
 Trazendo do passado a força de vencer

Povo das ilhas!
 As secas das ilhas são as nossas estiagens
 A chuva, a nossa esperança de um futuro melhor
 Ilhas de saudades, de fortuna e de aconchego
 Por estas ilhas, chorarei, suplicarei e pedirei,
 Por estas gentes, atravessaria o mar, o deserto e não desistirei
 Povo das ilhas, que teimosamente continuam de pé

Que souberam dar a volta por cima, e as estiagens fin-
tar
Gentes que descobriram o significado de viver e de lu-
tar
Adotaram, o trabalho, a empatia, a força e união
Como lema para renovar a própria esperança
E de vez em vez fugir da sentença
Que dia a dia o destino dita.

Povo das ilhas
Mulheres de balaió à cabeça e homens de enxada na
mão
Firmes nas suas escolhas, defensores de suas caminha-
das
É, não temem nem pelas suas vidas,
Já não são flagelados do vento leste,
São atores dos seus sonhos, trilham seus próprios cami-
nhos
Dominam o vento, e fazem-no soprar a seus favores.

Povo das ilhas
Homens e mulheres firmes e determinados
De calos nas mãos, que já cantam de forma diferente
Cantam suas liberdades, mesmo que o mundo os con-
dena
Os Condena ao lamento, à lamúria e à tristeza.
Gentes que foram à luta, desarmados
Que utilizaram palavras, sabedoria e determinação
como armas
Atravessaram mares nunca já navegados, à procura da
felicidade
Construíram fortalezas e de suas ilhas fizeram morabe-
za
Gentes que em suas almas carregam nobreza.
Povos das ilhas, povos de saudade

Povo das lhas

Ilhas secas e montanhosas

Ilhas esquecidas e outrora adormecidas

Ilhas dispersas, mas com gentes de força e fé

Gentes do Atlântico que permanecem de pé

Gentes de saudades, de lágrimas, de esperança

Gentes com recordações de sonhos flutuantes

Gentes que ora clamam pela chuva amiga

Gentes que ora derramam lágrimas

Lágrimas que clamam a vinda dos filhos que cruzaram os oceanos

Lágrimas que jorram ao som da música “Sodadi” de Césária Évora

Ilhas de ventos que prendem e levam as nossas ânsias,

Ilhas que os mares renovam a esperança de melhoria,

Que a chuva desafia essa mesma esperança

Gentes que recobram forças de lutar

De lutar e lutar sem cessar.

Povo das ilhas

Ilhas quentes, de abraços calorosos

Povo de euforia, das festas de romaria

Povo do bem, de sorriso estampado no rosto

Gentes que entoam cânticos de amor ao próximo

Gentes que compartilham o orgulho de suas origens

Povos das ilhas, firmes às suas raízes

Ilhas de música, de dança, de gastronomia,

De hábitos e costumes, diferentes e semelhantes

Povo de costas africanas, povo único

Povo das nossas ilhas!

Povo das ilhas!

NELSON JESUS DO NASCIMENTO

Carioca, nascido no Bairro de Vicente de Carvalho, subúrbio do Rio de Janeiro e tem escritos publicados em coletâneas, e um livro independente “Reminiscências, Contos Minha Existência”. O interesse pela leitura e consequentemente pela escrita vem desde a infância, das leituras realizadas nos livros emprestados pelo saudoso vizinho, “Seu Maia”, pois não tinha dinheiro para comprá-los. Com o passar dos tempos esse encantamento pela leitura acabou me levando a se tornar um profissional na área de História, o que me traz a perspectiva de pensar os caminhos da vida de forma crítica, em especial as vivências dos povos africanos escravizados em terras brasileiras. Sou professor de História e Filosofia da Rede Pública de Ensino, Especialista em História e Cultura Africana e autor de crônicas, poesias e contos.

SOMÁLIA

Somália sobrevive,
apesar do sol que teima em queimar sua pele,
Seu corpo arde, é o sol, é a febre,
a barriga inchada, insaciada,
sente fome, as pernas tremem.
Pequena Somália,
um retrato do Brasil,
um retrato da África,
um misto de dificuldades e incertezas,
herdeiros de um mesmo destino.
De lá a terra rachada,
aqui a terra cercada,
e a fome como madrasta,
a morte fiel escudeiro.
Somália sonha,
sonhos em forma de pesadelo,
ao ver os seus em pardieiros,
olhos perdidos, tremores ligeiros.
Somália e Brasil são irmãos,
abandonados a própria sorte.
Órfãos de dignidade e de esperança,
alimentados pela fé,
em um futuro que nunca os alcança.

TEMPO


Hoje é segunda,
também pode ser terça ou quarta-feira,
nada importa,
tudo é tão igual.
Final dos tempos, não sei.
Vivemos cada momento,
cada dia,
como se não houvesse amanhã.
O tempo vivido por “Veloso”
poético e imaginário,
não nos pertence mais.
A dura realidade que nos cerca,
a vida triste, a morte certa,
na espera em uma esquina qualquer.
Perdemos os sonhos,
viver um constante pesadelo,
quem sabe um grande novelo,
ou será uma novela?
sem a certeza de um final feliz.
E assim vão-se os dias,
da varanda observo as nuvens,
são belas,
ganham forma na minha imaginação
vagueiam sem pressa,
como se nada estivesse a acontecer.
Os pássaros sobrevoam a floresta,
são vários,
suas cores refletem o sol que se anuncia
prenuncio de um novo dia,
e seus sons me trazem de volta a realidade.
É o tempo,
brindando a vida,
insistindo em recomeçar.

UM NOVO DIA (ODE AO INOMINÁVEL)

E o dia nasceu,
e nós felizes te vendo partir,
quantas vezes chorei,
quantas vezes me fizeste chorar,
de tristeza, de dor,
de inconformismo.
Você que fez meu mundo tão triste,
agora parte,
sem deixar saudades.
Segue,
um brinde ao desconhecido,
ao destino,
que te leva de volta ao ostracismo
de onde nunca deverias ter saído.
Não deixarás saudades,
mas não serás esquecido.
Pagaras seu preço,
o preço de quem não deveria ter existido.
A solidão serás tua companheira,
o exílio seu tomento,
a dor seu acalanto.
a tristeza seu consolo
meu sorriso o seu punhal,
que te acompanhara por toda eternidade.
Cada vez que olhar meu povo sorrindo
morrerás um pouco
meu desdem lhe consumira.
Jamais será feliz,
nunca foi feliz,
nunca soube o que é o amar.
Seras imortal, no asco como esse povo te vê
hediondo,
horror em forma de ser.

RICARDO GOMES SILVA


33 anos. Escritor, poeta e filósofo espiritualista.



Olhei-me em meus olhos
Parecia não haver ninguém ali
Que sou?
Consciência, mente, eu
Tudo isto são só palavras
E esse “ver-se de fora”
Nada mais é que não se identificar
Não se confundir
Que sou?
Que tolice seria
dar resposta a esta pergunta
E esta pobre filosofia moderna
Que diz “seja autêntico, seja você mesmo”
Alimentando pequenos egos

Quem é você?
Esse corpo, que já está morto?
Esse movimento cultural
Essa nacionalidade
Em nações que já se extinguiram?
Não adianta, meu irmão
meu outro aspecto de mim mesmo
Ou somos todos Um
E a humanidade é uma só
E o planeta é um também
Ou continuaremos lutando
Continuaremos em guerra

Então como resolver esta contradição?
Talvez nesse “buscar dentro de si”
Mas há sempre algo mais
Sempre alguém querendo dar a última resposta
Me recolho em meu silêncio
Sei que nem toda palavra é vã




E que nem tudo são flores
Mas neste jardim universal
Quero poder deixar no ar
Uma fragrância de amor e liberdade
Uma fragrância que não deixe dúvidas
De quem sou

Espiritualidade não é caretice
 Tampouco indisciplina
 Um meio termo entre eles
 Um viver para a morte
 E ver que a morte não existe
 Que todo aquele que é santo
 Já foi tomado por louco
 E aquele que é louco
 Pois perdeu sua alma

Sinceramente
 Não me venha com essa conversa
 De matéria e espírito
 Para mim, tudo é Um
 A Unidade da Vida
 Quero mesmo é sair de casa
 Amar toda essa gente
 Amigo, inimigo
 Herói ou bandido
 Quero mesmo é meu quarto
 Para encontrar a solidão que eu amo

Espiritualidade é estar calmo em meio a guerra
 Quantas vezes já não me perdi
 Para depois me encontrar?
 Quantas vezes não acreditei ter encontrado
 Quando na verdade eu estava perdido?

O trabalho é com o corpo
 É com a mente
 Com o coração
 E com o cantar
 O Deus que acredito
 Que louvo e quero amar



O Deus ao qual me entrego
Está AQUI
Está em todo lugar

Me diga você
O que é a tela
O que sua consciência está vendo
Através de teus olhos
Através dos olhos de teu espírito

Me diga você
Quem te iludiu
E te fez deixar de enxergar a verdade
Se agora mesmo ela está acontecendo

Você insiste em fazer perguntas
Podendo estar buscando o silêncio e o recolhimento

A solidão é o melhor lugar
aonde podemos estar
Esvaziar-se de si
É navegar pelas próprias memórias
Até que se chegue à terra firme
Do aqui e do agora

Estar pleno do vazio
É poder estar aqui e agora
Sem de mais nada necessitar

ROSANGELA CUNHA

Carioca da Ilha do Governador, Rio de Janeiro. Participou com vários poemas em diversas antologias.



REFUGIADOS

REFLITO E REVEJO CONCEITOS
DESCUBRO QUE "VIDA DURA"
NINGUÉM QUER TER
VIDA DE DUREZA
DE NÃO PODER SER
ATRELADA AO APELO
DO DESEJO DE PODER
ENQUANTO ABENÇOADOS
BENÇÃOS PODEMOS SER

OLHO NO ESPELHO DA ALMA
QUE REFLETE O DESEJO DE AGIR
PRESTO ATENÇÃO AO INSTANTE
VEJO CAMINHOS À SEGUIR
MUDO TRAJETÓRIAS
PARA VITÓRIAS ATINGIR
MANTENDO O SORRISO NOS LÁBIOS
AGARRANDO AS OPORTUNIDADES
SURGIDAS DO APRENDIZADO
DA VIDA

CONSCIÊNCIA NEGRA

ENXERGAR COM OLHOS DE VER
ABENÇOADA NA ANCESTRALIDADE
CELEBRO MINHA NEGRITUDE
ECOANDO NO OLHAR O GRITO
PEDINDO O RESPEITO
QUE ME FALTA TODOS OS DIAS
DIZENDO “ NÃO AO RACISMO”
E ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS
PORQUE ESSA LUTA
NÃO É SÓ MINHA
MAS DE TODOS NÓS

NO MEU GRITO O SÍMBOLO
DESSA LUTA E RESISTÊNCIA
PELA PERCEPÇÃO
TRAGO A ESSÊNCIA
A COMPREENSÃO ATINGIDA
QUE A CONSCIÊNCIA VEM DA ALMA
ELA É A NOSSA VOZ INTERIOR
É PRECISO TER MAIS AMOR

VIVEMOS MASSACRADOS
À MARGEM DA SOCIEDADE
BASTA OLHAR COM OLHOS DE VER
DE ENXERGAR
AS DIFERENÇAS ESTÃO AÍ
ESPALHADAS POR TODA PARTE
POR TODO LUGAR

OUTROS GRITOS ECOAM
NO CORAÇÃO EXALTADO
A FORÇA DOS NOSSOS ANCESTRAIS
NÃO SE PERDERÁ JAMAIS

O TEMPO

O TEMPO VOA MAIS RÁPIDO QUE O VENTO,
LEVANDO-NOS À REFLETIR EXPERIÊNCIAS CRIADAS
PELO EXEMPLO DO CONDOR,
ATRAVÉS DE METÁFORAS
QUE NOS GARANTEM UM NOVO VÔO.
É ABRIGO PELAS MANHÃS,
SONHOS, RECOMEÇOS... BRILHO AO ANOITECER.
PROCURO DESACELERAR MEU RITMO
SEMPRE TÃO ACELERADO, VELOZ.
AGORA MEU VÔO ESTÁ CONTROLADO.
O STRESS DESAPARECE.
PERDÔO, CONTO, CANTO... SORRIO.
É TEMPO DE SER FELIZ.
A CORAGEM DE SEGUIR EM FRENTE,
VEM DO TEMPO QUE TENHO:
DESTEMIDO, LEVE , OUSADO, ACELERADO , COMO
EU.
QUE SIGO, DESATANDO OS NÓS,
SURGIDOS PELO TEMPO,
QUE ME PERMITEM
ABRIR PORTAS PARA NOVAS JANELAS , RUMOS E ME-
TAS.
COM O TEMPO TUDO SE VAI .
E EU DEIXO IR.
VOU, VIRANDO AS PÁGINAS,
A DIREÇÃO... PORQUE MUDAR É PRECISO .
É INSPIRADOR.
É RENOVADOR...
LIVRE, COMPREENDO O TEMPO, A HORA E O MO-
MENTO.
SÓ O TEMPO, PARA MARCAR PARTIDAS E CHEGA-
DAS.

BUSCAS, ENCONTROS, DESENCONTROS..
EU, COM MATURIDADE RENOVADA, CHEIA DE PERS-
PECTIVAS, SABOREIO MAIS UM CICLO DE VIDA QUE
AGORA PELO TEMPO CONSCIENTIZA.

SANDRO SEBASTIÃO

Pseudónimo adoptado por Sanda Armando Mapuia Sebastião, jovem artista angolano, nascido a 20 de Junho, natural de Luanda, residente no município de Cazenga. Escritor, poeta, declamador e resenhista. Membro académico imortal da “ABC – Academia Brasileira Camaquiana”, Guarapari/ES; académico da ALB – Academia de Literatura Brasil, Guarapari/ES; membro da Brigada Jovem de Literatura de Angola – BJLA e membro fundador imortal do Núcleo Literário e Artístico de Luanda – Angola – NALLA, a convite e selecção da Editora Baronesa, Brasil. Tem textos publicados em alguns sites, participou em dois projectos literários brasileiro, co-autor de algumas antologias, colectâneas e revistas internacionais na sua maior, e vencedor de alguns concursos literários, na sua maioria de resenhas de livros.



SEI LÁ...

Visualizo o que a visão me nega,
esse odor estranho, inodor
paira entre o árido olfatório,
alucinógeno, mexe-me o ser.

Lhe miro além da rota,
inibe-me o que da mente vem,
sussurra, transpassa suor,
nostalgia, solidão, obscuro,

e esse tacto nada exhibe,
esqueceu-se das notas do pincel,
nada faz sentido, aliás,
nesse esfarrapado idealizar, o que é sentido?

Luanda - Cazenga,
18.6.2023.

AMARROTADOS VERSOS

Traços negros
na noite
vidas por ali
desesperos cá
lágrimas
suspiros forçados
visões ensanguentas à solta
gemidos maquinados
paixão
mistério

o som da agonia
a sinfonia da tristeza
lágrimas, mágoas
corações em silêncios
sorrisos maquiavélicos
dias cinzentos
desse crepúsculo
a reprovação...
oh! Tenha dó
ó viver.

Luanda - Cazenga,
Maio, 2023.

SABADÃO LITERÁRIO

versos tocam
tons da alma
mil correspondências
forjada essência d'arte
harmonia que rima dó e sol

céu nublado
a vila assombrado pelos makixi
risos ecoam, vozes rimam
o amor de uma prostituta
toca vida na alegria múltipla do ser

flash estoura
maquinaria efeito Batman da Literatura
Alusapo no sentir a-mar-te
Carlos nas veste de Cassule
Sandro esbraveja Sebastião
marcos, vida, sabadão literário.

(em memória ao último lançamento duplo da escritora
Flora Salvador, Ésobrenós Editora)

Luanda - Cazenga,
31.10.2023, 20:50'.

SOLANGE DA SILVA FIGUEIREDO

Poeta, artista plástica e activista cultural. Embaixadora da Divine Académie Française. Condessa da Casa Real e Imperial dos Godos de Oriente. Comendadora e Embaixadora da Paz. Presidente da Academia de Letras do Brasil – ALB, RJ. CEO do Canal Sororidade e do Coletivo Mulheres Maravilhosas; académica imortal na Academia Internacional de Literatura Brasileira – AILB; na Academia de Letras da América Latina; na FEBACLA; na Conclab; no CONINTER; na Academia de Letras do Brasil, Seccional Suíça; Embaixadora no Núcleo de Letras e Artes de Buenos Aires, Itália e de Portugal; Embaixadora na Academia de Valparaíso e membro correspondente nas Academias de Letras de Fortaleza, Itaperunense, Caxambuense, do Rio Grande do Sul, de São Pedro da Aldeia, Cruzeirense de Letras em Brasília e de Maratáizes, ES. Conselheira académica na Associação Internacional Literarte e na Associação Poemas à Flor da Pele de Porto Alegre. Artilheira da Cultura – Forte de Copacabana e Museu Histórico do Exército Brasileiro.

Organizou nove colectâneas “Amo amar Você”: Volume I (2013), II (2014), III (2015), IV (2018), V (2019), VI (2020), VII (2021), VIII (2022) e IX (2023). Organizou oito e-books gratuitos da Colectânea Mulheres Maravilhosas: Volumes 1, 2 e 3 (2021), Volumes 4, 5 e 6 (2022) e Volumes 7 e 8 (2023), pela Campanha Por Mais Mulheres Escritoras junto ao Fórum Social Mundial 2021, 2022 e 2023.

Seus livros solos de poesias “Um Raiar de SOL em Amor”, na 2ª edição, “Um Amanhecer de SOL em Amor”, lançado em 2016, em Curitiba e na 9ª Bienal do Livro de Campos, ambos foram lançados na Feira do Livro da Espanha (2021), “Um Renascer de SOL em Amor” (2022, na 11ª. Bienal do Livro De Campos).



OLHAR DE MORMAÇO

Perdi-me com teu olhar de mormaço,
A cada nota tem puro falsete,
Querendo morar dentro de teu abraço
Coração tatuado por estilete...

À flor da pele, em ti logo me enlaço
Amor declarado em simples bilhete.
Dor doída, logo faço e refaço.
Fizeste desse amor um brinquete.

A minha alma ainda segue sofrida,
Sabendo não estarás mais aqui,
Desde aquele dia em que te perdi.

Resta-me apenas esse teu olhar,
Que por vezes me fizeste sonhar,
Que serias o amor da minha vida!...

SOL Figueiredo

CALO-ME! - CANTO X

Calo-me ao ver quatro inocentes mortos,
Por um jovem buscando apenas fama!
Usando machadinha em seus corpos...
Suas famílias sofrendo... tal drama!...

Aqui, nesse país, tudo é assim,... torto!...
Se há Lei, ninguém respeita, nem reclama!
Pior, não ter Direito: - Já está morto!
Justiça? Não existe... O povo clama!

Calo-me com a injustiça e não falo!
Na mente algo atíça... Pisa no calo!
Dói-me dor doente, frequente e mente...

Mente dizendo que está tudo certo!
Mentira, não há lei, nem rei por perto!
A Educação pede Respeito!... Urgente!

Calo-me, calo-me... Calo-me!

Soneto com estrambote, pelas quatro crianças na Creche em Blumenau, no dia 05/04/2023.

MULHER, BÊNÇÃO DA NATUREZA!

Um dia, Deus na sua infinita bondade,
Declarou que na Terra germinaria - Ela,
Aquele que traria vida, humanidade...
Foi desse modo que Ele abriu sua janela

Pra vê-la então brilhar... Nem a Lua é mais bela,
Nem mais intensa, a cada tal maternidade!
A fórmula? Perdeu-se de forma singela...
Sinônimo da verdadeira lealdade!

O céu clareou com chuva em luzes de prata,
Trazendo negra, ruiva, loira ,... toda nata!...
- Ser tão Especial, Bênção da Natureza!...

Um ser que reluz todo amor, toda beleza!...
Amor de mãe, de avó... Pr'ó que der e vier...
Sentimentos que só tem: a doce MULHER!

TEREZINHA SANTANA,

Coautora em 14 colectâneas (2 internacionais), autora de 354 poesias, 9 certificados de méritos literários, 1 medalha do prémio Zumbi e Dandara dos Palmares, e tem 70 anos de idade.



A VIDA

É UMA CONTRADIÇÃO
CHEGAMOS CHORANDO
NÃO SEI PORQUE RAZÃO
ELES, AO NOSSO REDOR
SORRINDO ESTÃO
ELES, NÃO PERGUNTAM
QUEM SOMOS
DE ONDE VIEMOS
E PARA AONDE VAMOS
NOS CHAMAM POR UM NOME
SEM NOS PEDIR AUTORIZAÇÃO
DIZEM QUE PARECEMOS
COM O PAI, O AVÔ E O IRMÃO
SOMOS LEVADOS
DE MÃOS EM MÃOS
NÃO QUESTIONAMOS
SEM PALAVRAS
APENAS ACEITAMOS
A NOSSA CONDIÇÃO
DEPOIS DESSA TRAJETÓRIA
A DEPENDER DA SITUAÇÃO
TUDO SE TORNA HISTÓRIA
NA VIDA DO CIDADÃO
SE BEM SUCEDIDO, NO PALÁCIO
OU ESQUECIDO, NO PORÃO
E MAIS UMA VEZ, LEVADOS
POR OUTRAS MÃOS
ESTAMOS SAINDO, CALADOS
ELES, AO NOSSO REDOR
CHORANDO ESTÃO.

METAMORFOSEANDO

Um ovo casca dura
Fechado em seu mundo
Individual, ímpar
Implacável
De repente uma larva
Vida livre, embora precoce
Vai a luta pra sobreviver
Sempre escondida
Tentando confundir
Entre as folhas
Sem chamar atenção
Tem medo dos predadores
Porém chegou o tempo
Do imago, fase adulta
Criou asas e voou
Uma borboleta
Sem dores, colorida
Beijando flores
No jardim da vida

OBRA PRIMA DA CRIAÇÃO

É louca, é problemática!!!
Termos pejorativos
Não escuto, não discuto
Sou a Rosa
Que perfuma o ambiente
Sou a pérola
Extraída da ostra
Sinto-me tão bela
Como o por do sol
Ao entardecer
Uma estrela
Iluminando o anoitecer
Imagina a lua prateada
Quando invade o sertão
Assim sou eu, irmão
Sou gigante como a onda
Na maré alta
Tenho a força do vulcão
Entrando em erupção
Sou a obra prima da criação
Sou a MULHER
Inspiração para uma linda canção.

VICTOR FRANCISCO RICARDO

Nascido aos 28 de Janeiro de 1989, Luanda. Formado em Contabilidade e Auditoria pela Universidade Agostinho Neto. Começou a escrever em 2006 (poemas). Em 2014 passou a envolver-se mais com a escrita e dedicava mais tempo, sempre escrevendo poemas e algumas reflexões. Tem quatro livros publicados: “Miradouro da Lua” (2019); “Cartas à Ana Cármen” (2021); “Nzaji – Sonhos mutilados e Aessos de um Natal” (2022). Participou na Colectânea de poesia lusófona MUNDO(S) – Livro 22 (2023).

Tem certificado de mérito da Fundação Arte e Cultura, num recital onde o livro “Miradouro da Lua” foi homenageado, em 2020.



LWEJI!

Belisco a mácula da criação
Detalhe por detalhe
Alternando a cadência
Ora predador, ora presa

Arrefeço o calor diário
Nas trincheiras do seu Atlântico
Entre os relevos da sua formosura
Elevo-me a um ser superior

Deixo os ponteiros do meu relógio brincar
O seu tic tac ecoar
Com o mais macio dos pincéis
Pinto as suas loucuras
Ela, musa
Eu, Picasso ou Picatchu!

O seu olhar criptografado
Um abajur mitológico
Traz infernos, soluços
Canções,
A medida que sigo dedilhando
Cada fragmento seu

SARAPINTADO

Sou um pulo
Um salto na corda bamba
Minúsculo, meio musculado

Sou trombeta, vozes sufocando vozes
Azul-marinho
Negro...
Sarapintado

Sou de vidro, faca afiada
Lança...
Sou festa pagã, desfile carnavalesco
Folia

Sou do Oriente
De África, do Ocidente
De pele mestiça, uma chuva de pigmentos
Sarapintado!

Sou sarapintado
Sarapintado...
Uma pintura que se alisa, numa pele fina
Eu sou
Sarapintado

HÁ VIDAS ESPERANDO POR NÓS... HÁ CIDADES DE BRAÇOS ABERTOS

Há vidas esperando por nós...
Há cidades de braços abertos...

Há um lugar
Onde os pensamentos ganham vida
Onde o sorriso é puro
E a esperança não espera pela ganância

Há um barro feliz num chão
Onde a paz vive e dá oportunidades
Para quem a busca

Há vidas esperando por nós...
Há cidades de braços abertos...

Há vaga-lumes e aves de mãos dadas
No sonho de uma criança
Que como adulta espera, por um mundo melhor

Há homens poderosos de amor
Homens de pó
Que sabem da suprema bênção que é
A vida com imparcialidade

Há reis que amam os seus servos
Reis que na verdade são servos
Dos servos que governam

Há vidas esperando por nós...
Há cidades de braços abertos...

BERNABÉ (ABÉ) BARRETO SOARES

Nasceu em Timor-Leste, a 1 de Janeiro de 1966. Escreve obras literárias em duas línguas: Indonésio e Tétum. Duas colectâneas das suas obras poéticas já foram publicadas: *Dançando a Volta da Planeta Terra* (Holanda, 1995) e *Come With Me Singing in a Choir* (Austrália, 1996).

Desde os meados de ano 2000, muitas das suas obras foram publicadas nos blogs e Facebook com os pseudónimos: Kesabere Marubi e Jenuvem Eurito. Neste momento trabalha como tradutor e intérprete.



PALESTINA: UM PASSARINHO DETIDO EM UMA GAIOLA)*

Este passarinho quer voar alto, pelo mundo fora, em busca de amigos próximos

O passarinho cantou com sua voz rouca

O passarinho bateu as asas e queria voar alto, mas suas asas estavam quebradas

O passarinho foi preso por mãos impertinentes

O passarinho foi finalmente colocado em uma gaiola

O passarinho recebeu comida e foi forçado a comer porque seu estômago estava com fome

O passarinho recebeu de beber, e foi forçado a beber porque sua garganta estava muito seca

O passarinho continuou a cantar, buscando atenção aqui e ali na gaiola

Sua voz cresceu, despertando os corpos

Sua voz cresceu, despertando as almas

O passarinho continuou cantando e cantando

Sua voz parecia ser engolida pelo o tique-taque do tempo

—

Fatuhada, Dili, Timor-Leste, Novembro de 2023

@Abé Barreto Soares

*) Originalmente, o poema foi escrita em indonésio.

DILI, CAPITAL DA LUTA 10 *)

Não silencie as nossas bocas para falar alto
e desafiar a depravação
Não apunhale os nossos corações para bombear san-
gue e para continuar a jornada
Não esfaqueie os nossos corações para sentir as vibra-
ções de paz e a felicidade

—

Dili, Timor-Leste, Setembro de 2021

*) Originalmente, o poema foi escrita em indonésio.

PALESTINA EN MI CORAZON 16 *)

Allah é o Maior, Allah é o Maior, Allah é o Maior
Deus, acompanhe nos sempre em todas as provações
Senhor, toque Tua mão na parede do coração
para irradiar Sua luz eterna

—

Dili, Timor-Leste, Novembro de 2023

*) Originalmente, o poema foi escrita em indonésio.

JONAS BATISTA NETO

Nascido em 1989, natural e residente em Belo Horizonte/MG. Poeta. Publicou os livros “Tempos de Poesia (Editora Multifoco – 2011), “Por trás dos edifícios, o sol” (Editora Penalux – 2013), “Cidadela” (Editora Penalux – 2015), “Néon” (Editora Penalux – 2017) e “Grilhões, Poemas de Protesto” (2023), bem como, disponibilizou de forma independente os e-books “Palavras de Deus, Poesias para nossa vida” (2013) e “Simples” (2022). Colaborou com as Antologias “Mil Poemas para Gonçalves Dias” (Editora UFMA – 2013), “100 poemas 100 poetas”, Volume III (Literacidade – 2013) e “Venda Nova em Arte” (Editora Apenas - 2023), além de ter tido algumas poesias publicadas no Jornal Pólis da cidade de Recreio/MG. Venceu o Concurso de Poesias “Primavera e suas flores” do Distrito Múltiplo LC de LIONS Clube- AL 2021/2022. Neste ano, participou da Feira Literária de Tiradentes (FLITI) como membro da mesa “Resistência Negra na Literatura”. Membro do Colectivo Escribas, frequentador do Corujão da Poesia online e Organizador da Bienal Virtual Brasil Angola de Poesia.



LIGA

O mar separou
A diáspora criou
Nossos corações
Não encarcerou.

Um mar de coisas em comum.

Reconhecer
No outro
O que está em si
Um espelho
De um povo
Sem fim.

Unidos
Pela história
Música
Comida
Poesia
Solidariedade
Ancestralidade.

Conexão
Além dos sentidos
Onde somente o
Ubuntu
Nos faz sentido.

SEM SABER CANTAR

Eu canto
Espanto
Do meu peito
Toda dor.

Exalto
Minha origem
Minha cor
Ao amanhecer de Luanda
Ao anoitecer do Arpoador.

Sonhar
Com a terra mãe
Em seu solo
Pisar.

Sentir o calor da noite
E o frescor do mar.

Eu canto
Mesmo sem saber cantar
O dia
Que este sonho
Irá se realizar.

De que vale um conto, um romance, um poema preso na sua gaveta? Publique connosco!

É Sobre Nós: seu livro, nosso legado!

geral@esobreler.ao

@esobrenoseditora_oficial

Tel. +244 926 155 992 | +244 919 146 296

www.esobreler.ao



Apoios:
Nosso LinkTv
@nossolinktv



Tipo de fonte utilizado no miolo: Eras.